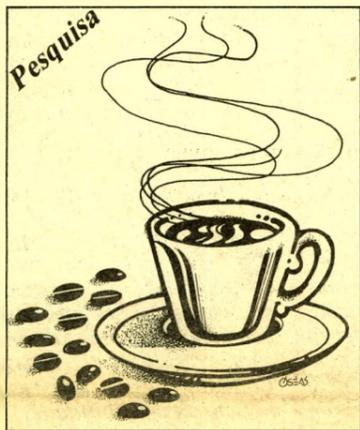
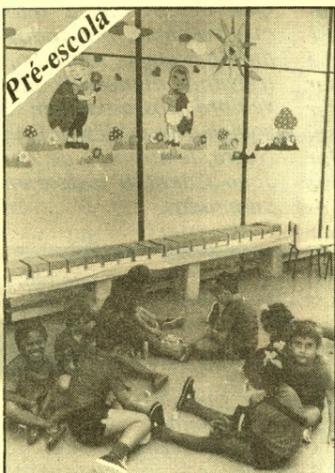
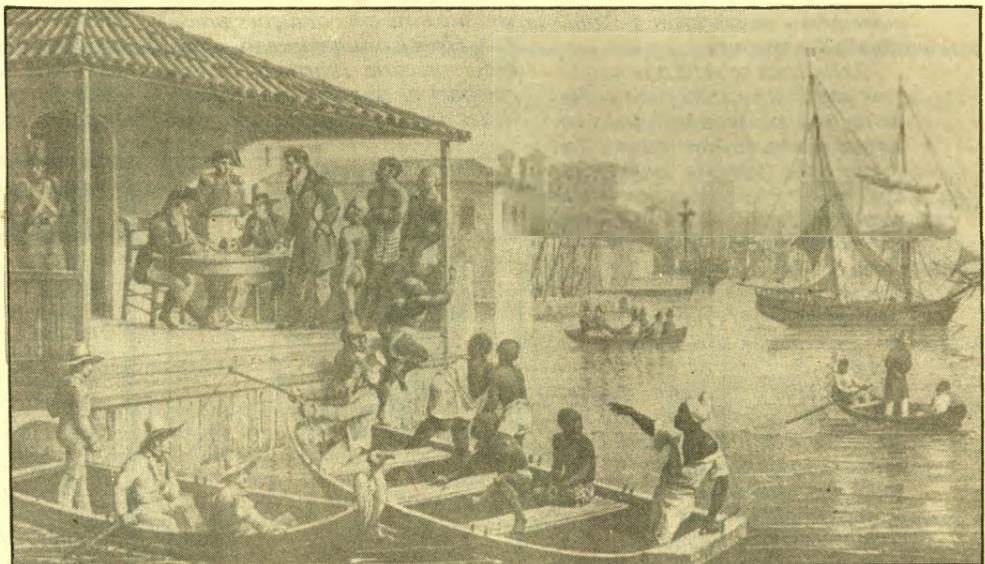
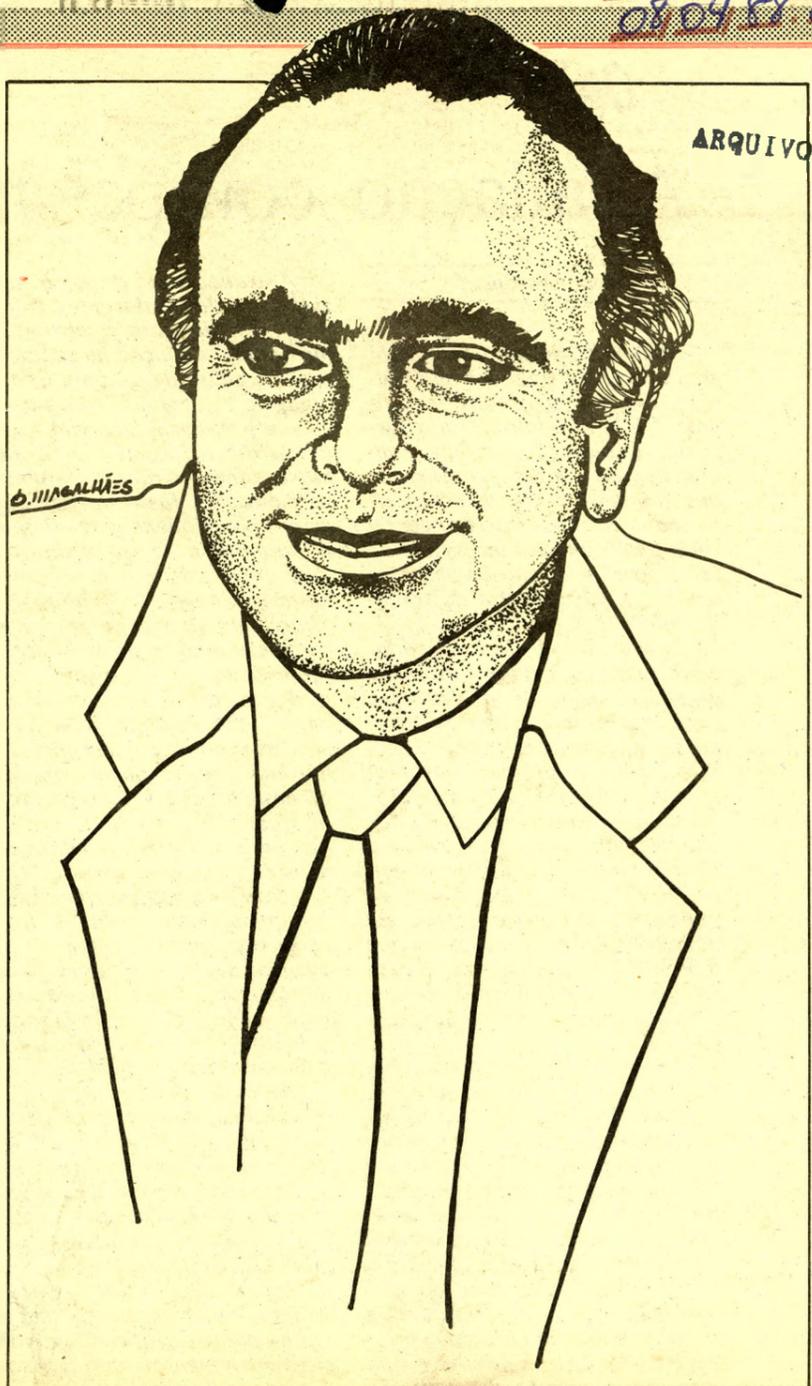
Dois anos. O reitor faz um balanço realista

A meio caminho de seu mandato de quatro anos, o reitor Paulo Renato Souza mantém uma postura sóbria acerca do que pôde ser feito até agora e do que pensa ainda fazer até abril de 1990. Do programa que traçou e mandou imprimir no início de 1986, o reitor estima que ainda faltem "uns 20 ou 30% para serem cumpridos". Ele pensa liquidar logo esse "débito" e, no tempo que sobrar, trabalhar para o equacionamento de recursos que permitam a tranqüilidade dos anos seguintes. *Página 3.*

O café que vai à mesa

A publicidade parece não deixar dúvidas quanto à qualidade do café que vai à mesa dos brasileiros. Os provadores profissionais também não. Mas análises fotoacústicas e de ressonância magnética feitas na Unicamp, a pedido do IBC, mostram que o café vendido na praça quase sempre contém adulterantes como cevada, milho torrado e até palha. Pág. 4.

JORNAL DA Unicamp
Campinas, abril de 1988 Ano II — N.º 19

Em nome da infância

Uma pré-escola padrão é construída e instalada em pleno campus da Unicamp: a idéia é que ela possa ser reproduzida no âmbito dos municípios. E no Hospital das Clínicas, uma experiência pioneira: o alojamento conjunto de crianças e pais, para favorecer o tratamento pediátrico. Pág. 9.

Abolição

Não há o que comemorar

Definitivamente, o centenário da Abolição não é um ano para comemorações. As atividades que a Unicamp programou para os próximos meses são, na verdade, um novo esforço de reflexão. Veja na pág. 7.

Opinião

Avaliação competente ou desastre à vista

Hélio Waldman

Uma vez perguntaram a um grande escritor qual, na sua opinião, era o melhor dos seus livros. "É o próximo", foi a resposta. A colocação exprime, com o poder de síntese próprio dos que dominam as letras, o tipo de insatisfação e desassossego com a coisa feita e a busca incessante da excelência pela auto-superação, que são a mola-mestra do trabalho intelectual.

Se a avaliação da universidade for para contribuir para o seu aperfeiçoamento, é preciso que ela esteja imbuída desse espírito, permeada por esses valores. Portanto, não é tarefa para burocratas, nem auditores, nem artefatos eletrônicos. Mas é obrigação dos que têm ao seu cargo o ensino e a pesquisa na universidade: o seu corpo docente, único capaz de perceber a produção intelectual da instituição no contexto em que é produzida, partir dessa percepção para um julgamento, e deste para a proposta de novos desafios.

Isto posto, é preciso reconhecer que esta questão tem sido mal cuidada na universidade brasileira contemporânea. Aí é que mora o perigo: percebendo uma certa falta de foco na visão orientadora do sistema, a burocracia se assanha, e já começa a armar os seus truques, todos desastrosos para o soerguimento intelectual da universidade, pois representam a própria institucionalização da cegueira. Por isso, é natural e correto que a questão da avaliação ocupe espaço cada vez maior na nossa pauta de discussões.

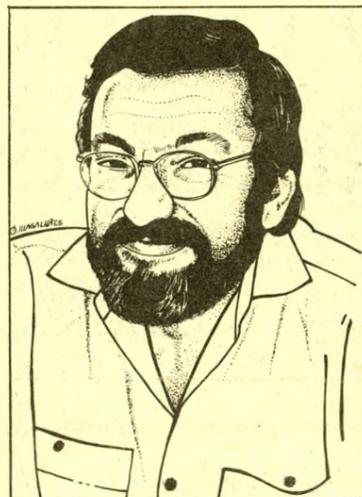
A avaliação há de ser conduzida por todos os docentes, e deve estar voltada para o aprimoramento da instituição na sua dedicação à causa da autonomia tecnológica e ideológica da Nação. Esse é o único referencial capaz de justificar a existência de uma universidade grande, atuante, pensante. Se fosse apenas para gerar uma pequena elite administradora do processo produtivo, uma universidade bem menor já bastaria. Só para ser figurante do esforço mundial de pesquisa e gerar um punhado de publicações "internacionais", também.

Para chegar a exercer o seu papel emancipador dentro do processo político, não basta à universidade ter plena consciência deste processo. É preciso muito trabalho, disciplina, disposição para o aprimoramento permanente. É nesse contexto que surge a necessidade de avaliar continuadamente todas as atividades acadêmicas, através de freqüentes discussões ao nível departamental, de revisões de projetos, seminários, revisões programáticas etc., e dos mecanismos normais de avaliação.

Antes de pensar em novos e complexos mecanismos, talvez devêssemos verificar em que estado se encontram os instrumentos tradicionais de avaliação. Por exemplo, em que pé está a avaliação dos alunos nas disciplinas de graduação e pós? E qual o sentido de permitir que um aluno ocupe indefinidamente uma vaga de ensino público gratuito, quando é sistematicamente mal avaliado? E por que não se discute a correlação da oferta de vagas com o mercado de trabalho? E assim por diante, é preciso bombardear o sistema com indagações, pois a realidade comporta, perguntar não ofende, e quem cala consente.

Passando para a pesquisa, que em grande parte se expressa na produção de teses de mestrado e doutorado, como estão sendo formadas as bancas de julgamento dessas teses? E quais são as suas condições de trabalho? O hábito de acatar sistematicamente as sugestões dos orientadores para a composição das bancas não é saudável. Impor às bancas um prazo curto para leitura e discussão prévia à defesa de tese, muito menos. Mesmo que esses hábitos sejam praticados por grupos ou "panelas" da melhor qualidade, endogênicos ou multiinstitucionais, doutrinários ou corporativos.

Muitas outras questões poderiam ser levantadas, mas talvez a mais importante seja a estabilidade na carreira docente. Estabilizar um docente através de concurso com base num título de Mestre, bem antes que ele se doutore e demonstre um ritmo razoável de atividade científica, pode até fazer sentido do ponto de vista sócio-político. Mas do ponto de vista acadêmico é muito discutível. Pois significa fixar o docente na universidade antes de observar a plenitude do seu potencial como pesquisador.

Por outro lado, como negar a estabilidade a esses docentes, geralmente tão dedicados às árduas tarefas do ensino e da pesquisa, se ela é concedida a outros servidores, dos quais não se exige nem Mestrado nem Doutorado, nem encargos didáticos, nem responsabilidades acadêmicas, nem qualquer obrigação que vá além do expediente? Se alguém responder que os docentes ganham mais, deve consultar as tabelas salariais...

Hélio Waldman
é professor da Faculdade de Engenharia Elétrica e pró-reitor de Pesquisas da Unicamp.

A questão é complexa, pois não se trata apenas de avaliar o produto da Universidade destacado do contexto em que é produzido, mas também de avaliar o próprio contexto e os fatores que o tornam produtivo ou não para a sociedade. O grande desafio administrativo não é sequer o de "fazer" a avaliação, mas sim o de promover as condições para que ela seja feita nos foros competentes, de forma abrangente, e com resultados conseqüentes. Enquanto ainda nos reste o benefício da credibilidade.

Comemoração não, reflexão sim

Raquel Trindade

"Eu canto aos Palmares
sem inveja de Virgílio,
de Homero ou de Camões!
Porque o meu canto
é o grito de uma raça
em plena luta
pela Liberdade!"

Solano Trindade

Neste ano de 1988, Centenário da Lei Áurea, é necessário que a comunidade negra e os brancos conscientes façam uma reflexão sobre todos os acontecimentos anteriores e posteriores à Abolição da Escravatura.

Refletindo se verá que não temos nenhuma razão para comemorações, muito menos para valorizar o ato de sancionar a Lei Áurea pela Princesa Isabel, que não foi um ato espontâneo e sim resultado de muitos acontecimentos, como por exemplo o Tratado Brasil-Inglaterra em 1826, que abolia o tráfico de escravos (os ingleses queriam criar um mercado consumidor africano), a Lei Euzébio de Queirós em 1850, a crise na área açucareira, o surgimento das fazendas de café que precisavam da mão-de-obra européia e, conseqüentemente, a chegada dos imigrantes italianos, a luta de abolicionistas como Luiz Gama, André Rebouças, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e muitos outros.

É necessário que seja desmentida toda a história oficial, que mostra o negro como um "Pai João" humilde e manso, quando na verdade o negro desde o princípio lutou pela liberdade: de Palmares em 1630 à criação de vários quilombos e sociedades secretas na São Paulo de 1700; das revoltas em Piracicaba, São Vicente, Apiaí, Sorocaba aos quilombos paulistas mais famosos como o do Jabaquara e do Pai Felipe.

Vem a Lei Áurea e, de repente, multidões de negros vagando sem destino. Até ali foi tirado do negro tudo, até sua dignidade. Não era considerado gente e sim peça.

As conseqüências disso são terríveis. O povo negro, arrancado brutalmente do seu ambiente, vive até hoje em condições precárias. Hoje é o subemprego, a moradia precária (barracos e mocambos) e, quando com dificuldades o negro consegue uma casa para morar, não termina os estudos. Um exemplo disso é a universidade: poucos negros alcançam-na. Aqui mesmo na Unicamp são raros os negros na graduação e a maioria é estrangeira (africanos).

Portanto, quando digo que o 13 de maio é dia de reflexão e não de comemoração é porque se o trabalhador branco sofre, o trabalhador negro sofre dobrado por causa da discriminação racial; se a mulher branca sofre e é discriminada, a mulher negra é três vezes discriminada por ser mulher, por ser negra e por ser olhada somente como objeto sexual (vide Sargentelli, vendedor moderno de escravas negras que chama de mulatas da cor e fogosas como uma mula — era como os senhores chamavam as negras mais claras que obrigavam a se deitar com eles).

O povo negro enriqueceu este país com seu trabalho e sua cultura. Portanto deve ser tratado com dignidade para que possa juntar-se ao branco e ao índio e, de mãos dadas, formar uma frente de luta para que realmente este país se torne uma democracia. Que desapareça a imoralidade que é a fome, que todos tenham direito à saúde, moradia, escola e trabalhos dignos. E que em novembro possamos em uníssono comemorar o Mês da Consciência Negra, lembrando de Zumbi e de João Cândido e desejando Axé para todos.

Raquel Trindade é artista plástica e professora de danças populares do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes.

JORNAL DA Unicamp

GOVERNO QUÉRCIA

Uma publicação da Universidade Estadual de Campinas
Reitor — *Paulo Renato Costa Souza*
Coordenador Geral da Universidade — *Carlos Vogt*
Pró-reitor de Graduação — *Antônio Mário Sette*
Pró-reitor de Pós-Graduação — *Bernardo Beiguelman*
Pró-reitor de Pesquisa — *Hélio Waldman*
Pró-reitor de Extensão — *José Carlos Valladão de Mattos*
Pró-reitor de Desenvolvimento — *Ubiratan D'Ambrósio*
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones (0192) 39-3134 - 39-3148. Telex (019) 1150.
Editor: *Eustáquio Gomes — (MTb 10.734)*
Redatores: *Amarildo Carnicel (MTb 15.519), Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Graça Caldas (MTb 12.918), Paulo Cesar do Nascimento (MTb 14.812), Roberto Costa (MTb 13.751)*
Fotografia: *Antoninho Perri (MTb 828)*
Ilustração: *Oséas de Magalhães*
Diagramação: *Amarildo Carnicel e Roberto Costa*
Paste Up e Arte Final: *Oséas de Magalhães e Clara Eli Salinas*
Serviços Técnicos: *Sônia Regina T.T. Pais e Clara Eli Salinas*

Reitor faz o balanço de dois anos

Hora oportuna para uma reflexão: a administração que assumiu em abril de 1986 chega à metade de seu mandato. Nesse tempo, a Universidade alcançou sua maioridade institucional com a instalação do Conselho Universitário, criou os programas integrados, deu início ao processo de reequipamento dos Laboratórios, intensificou a informatização interna, reformulou a carreira docente e implantou as carreiras dos funcionários. Isto, em linhas gerais, é mais de 70% do que havia sido programado. O reitor Paulo Renato Souza espera liquidar logo o que falta garantindo com novos esforços e investimentos a tranqüilidade dos anos futuros.

Paulo Renato: "A qualidade do ensino superior continua bem melhor dentro da universidade pública"

Jornal da Unicamp — Criado o Conselho Universitário (Consu) e consolidadas as instâncias intermediárias de decisão, como está hoje a Universidade no plano institucional?

Paulo Renato — A implantação do Consu, no ano passado, veio cercada de certa expectativa e até preocupação porque, pela primeira vez, a Unicamp estaria experimentando o funcionamento de um Conselho amplo e participativo. Era natural que decorressem problemas de funcionamento. Mas fiquei surpreso com a tranqüilidade com que o Consu se instaurou e assumiu o comando da Unicamp, e pela maturidade demonstrada pelos conselheiros na abordagem de temas às vezes controvertidos e polêmicos. A implantação do Conselho foi uma das minhas experiências mais gratificantes justamente porque foi um processo de institucionalização no qual estive pessoalmente envolvido, e que certamente fará com que a consolidação institucional da Universidade seja algo duradouro e frutífero. Destaco, também, a implantação das carreiras dos funcionários, a reformulação e a valorização da carreira docente.

JU — Que balanço o Sr. faz dos dois primeiros anos de sua administração?

Paulo Renato — Estou muito satisfeito. Acho que conseguimos implementar uma série de programas importantes e resolver problemas que vinham se arrastando há muito tempo. O impulso que a Reitoria deu aos programas interdisciplinares e a presença exercida junto aos órgãos de financiamento no sentido de viabilizá-los economicamente, resultaram num avanço real da pesquisa dentro da Universidade. A Unicamp participou ativamente do desenvolvimento do país nestes dois últimos anos, através da atuação de seus professores na condução da política econômica, científica e tecnológica da nação, mas também foi capaz de manter uma distância crítica em relação ao próprio governo, assegurando sua independência. Por isso a Unicamp vem sendo cada vez mais respeitada como centro de pesquisa e de reflexão crítica do desenvolvimento brasileiro.

JU — O Sr. tinha um programa que se propôs a cumprir a partir de abril de 1986, quando assumiu. Num confronto entre a proposta e o que foi efetivamente realizado, a que conclusão o sr. chega?

Paulo Renato — Acredito que de 70% a 80% dos meus compromissos já foram ou estão em vias de ser cumpridos. Houve grande agilização administrativa, com maior autonomia orçamentária para as unidades. Conseguimos, também, reduzir de 30 para três o número de passos administrativos para a aquisição de periódicos internacionais, passando a comprá-los de maneira mais rápida. Tenho certeza absoluta de que já a partir deste ano não sofreremos mais atrasos no recebimento das publicações. Proporcionamos, ainda, uma série de atendimentos sociais específicos à comunidade, outro compromisso que assumimos e de cuja viabilidade muitos duvidaram. Por exemplo: a ampliação do atendimento nas creches, a implantação de pré-escolas para filhos de funcionários e a definição da moradia estudantil. Este último, aliás, já é uma realidade através do aluguel de casas e vai se completar ainda este ano com a construção de moradias definitivas no distrito de Barão Geraldo, próximas à Universidade.

> *"Colaboramos com o governo, mas não perdemos a distância crítica"*

JU — O que a Reitoria pretende implementar nos dois anos que restam?

Paulo Renato — Estamos programando uma aceleração nos investimentos para reequipamento dos laboratórios, talvez o maior problema que a Universidade enfrentava quando assumi a Reitoria, através da captação de recursos internacionais. O processo de modernização administrativa também vai continuar com a informatização completa da Unicamp, de forma que até julho de 1989 teremos eliminado os processos burocráticos. Todo o orçamento estará dentro do computador, facilitando o acesso das unidades às suas respectivas receitas e a realização de despesas de forma totalmente mecanizada.

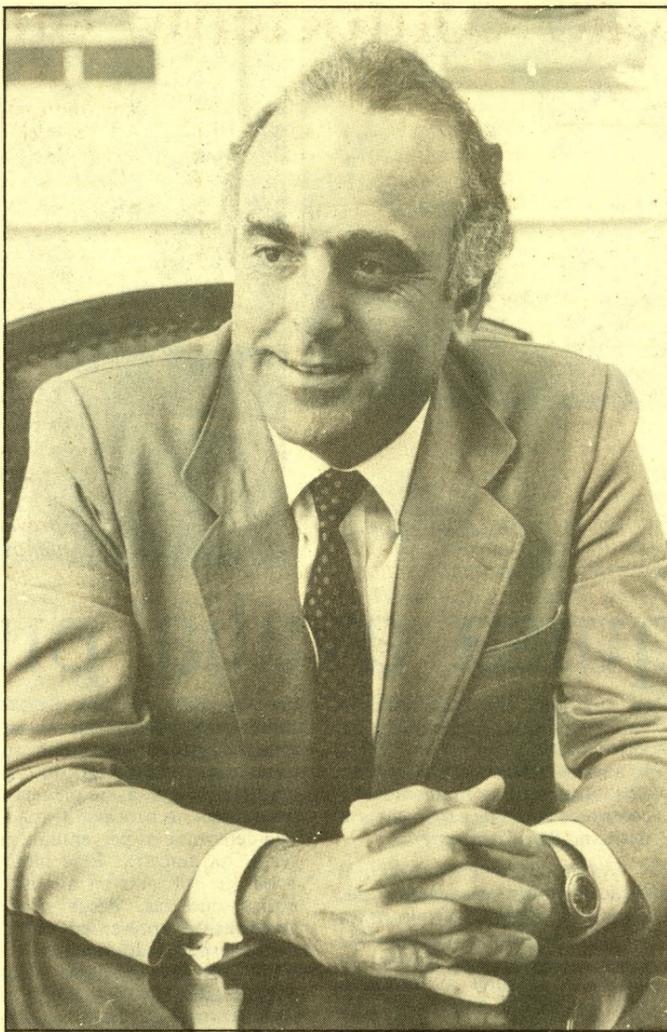
JU — Qual o investimento previsto para ambas as áreas até o final do mandato?

Paulo Renato — A previsão é investir aproximadamente US$ 65 milhões — US$ 25 milhões obtidos junto a organismos internacionais e o restante como contrapartida nacional. Não sei se isso poderá ser cumprido até o final do mandato, mas pretendo pelo menos deixar esses recursos equacionados para investimentos nos anos seguintes.

> *"Estamos preparando uma aceleração nos investimentos"*

JU — O Sr. definiu logo no início de seu mandato cinco programas integrados de pesquisa que correspondem justamente às cinco áreas de vanguarda tecnológica internacionais: Informática, Biotecnologia, Química Fina, Novos Materiais e Energia. Como vai a implantação desses programas?

Paulo Renato — Já definimos recursos da ordem de 1 milhão de OTNs, alocados pela Finep, para a implantação do programa de Biotecnologia. O projeto de Informática também já está aprovado na Finep. O de Química Fina aguarda uma definição para breve, enquanto os outros dois programas estão sendo atualmente discutidos com a entidade financiadora. Todos eles, entretanto, estão incluídos no plano de investimentos da Universidade, ou seja, mesmo que não consigamos recursos da Finep teremos a possibilidade de tocar alguns programas através de financiamentos obtidos no exterior, uma vez que o intercâmbio internacional da Unicamp cresceu muito nos últimos dois anos a partir do desenvolvimento e da implantação desses programas integrados.

JU — A Unicamp também intensificou sua colaboração internacional nas áreas de Medicina, Biotecnologia e Física. Quais são os resultados práticos desse intercâmbio?

Paulo Renato — No caso da Medicina, o acordo firmado com a JICA (Japan International Cooperation Agency) do Japão representou uma doação de US$ 3 milhões. Na área de Biotecnologia, os contatos que temos mantido têm possibilitado a vinda de pesquisadores estrangeiros para a Unicamp e a ida de nossos professores para cursos no exterior. Em Física, estabelecemos programas com a União Soviética e temos procurado intercâmbio na área de plasma com os Estados Unidos. Em resumo: essa cooperação internacional tem significado para a Unicamp uma importante frente de aperfeiçoamento para nossos professores e pesquisadores.

JU — O Sr. vem de uma recente reunião geral do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), tumultuada em razão das críticas recebidas pelas universidades, especialmente as federais. A isto se contrapõe uma total ausência de política educacional a nível federal. Como o Sr. analisa esse quadro?

> *"Há uma ofensiva com o propósito de denegrir a universidade pública"*

Paulo Renato — Eu entendo que estamos sofrendo uma ofensiva com o propósito de denegrir a imagem da universidade pública. Se formos buscar, obviamente encontraremos desperdício e alguma capacidade ociosa em toda universidade pública, como também os encontraremos em qualquer instituição privada. Não tenho dúvida, entretanto, de que a qualidade do ensino universitário no Brasil é melhor dentro da escola pública. Contudo, corremos o risco de destruir essa qualificação pela tendência da política atual em apenas medir e quantificar deficiências da instituição ao invés de aproveitar suas potencialidades para corrigir um dos problemas básicos do sistema de ensino universitário brasileiro: as diferenças de qualidade entre as universidades.

JU — Como se daria essa contribuição da escola pública?

Paulo Renato — As universidades públicas, com poucos recursos, poderiam transformar-se em instituições que auxiliariam aquelas menos qualificadas através de convênios de intercâmbio e de pesquisa conjunta, de forma que todo o sistema, ao cabo de alguns anos, pudesse ser qualitativamente mais homogêneo.

JU — Em suma, o governo quer fazer crer que as universidades reivindicam muito e produzem pouco. Sabe-se que, de fato, a produção científica não é relevante na maioria das universidades, mas isso não ocorre em razão da precariedade a que foram condenadas?

Paulo Renato — Em muitas universidades públicas federais os professores não teriam condições de desenvolver pesquisas como a Unicamp ou a USP, mesmo que quisessem. Há problemas de política educacional, científica e tecnológica, e há problemas de concepção das próprias universidades que precisam transformar-se internamente no sentido de se aproximar mais do setor produtivo e contribuírem mais positivamente para o desenvolvimento do país. Percebo que a universidade brasileira, dada a sua origem européia e as influências lusitana e francesa, enfatiza a questão da crítica ao progresso da sociedade — o que é uma função importante —, mas se esquece de contribuir com o desenvolvimento da mesma sociedade, tanto na área científico-tecnológica como na social. Há muitas frentes de atuação, mas as universidades necessitam de uma política clara por parte dos ministérios da Educação e da Ciência e Tecnologia que também possa traduzir-se em mais recursos.

> *"A avaliação interna é um hábito que cultivamos desde a criação da Unicamp"*

JU — No que toca à Unicamp, o Sr. está satisfeito com a produtividade de um modo geral?

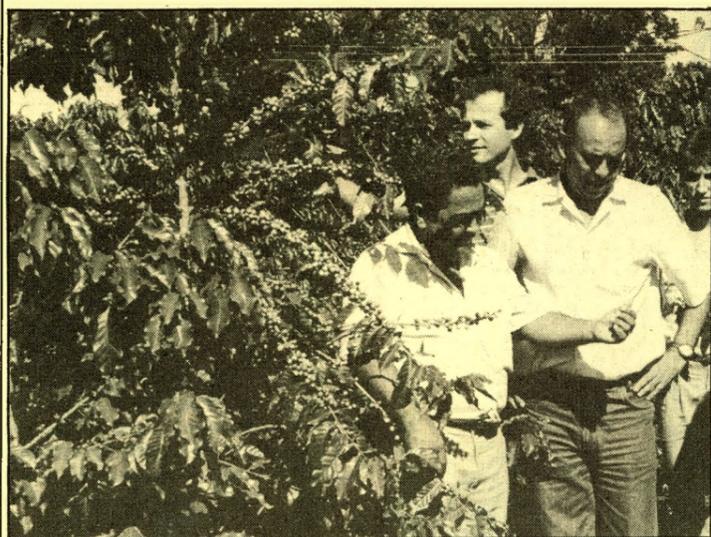
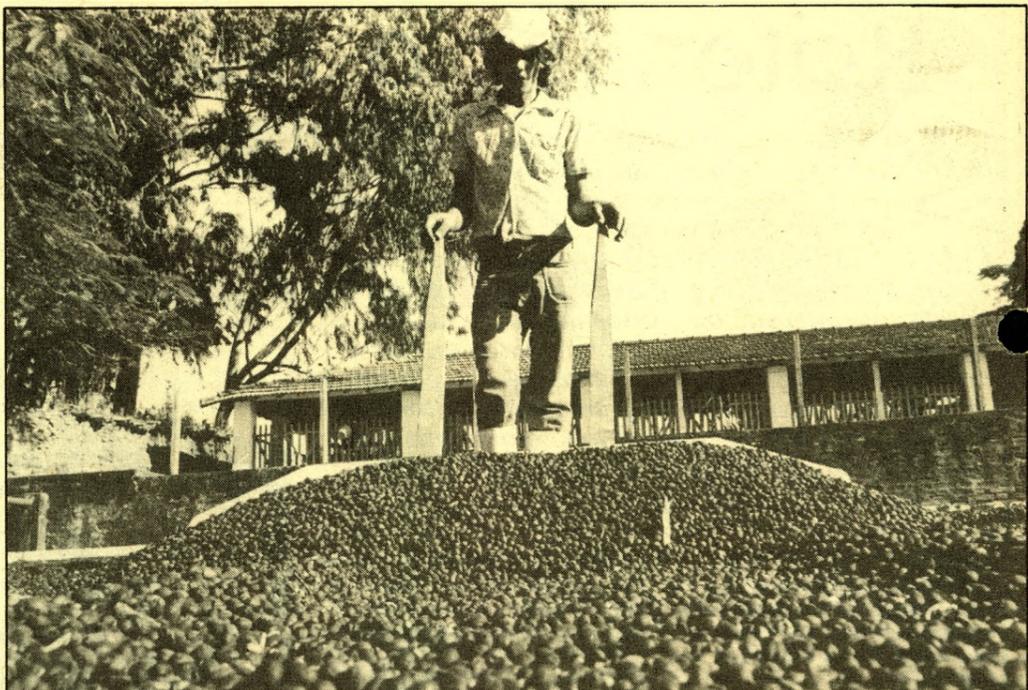
Paulo Renato — Em geral, sim. Ao longo dos últimos 20 anos a Unicamp desempenhou um papel importante nas áreas científica e econômica do país. A avaliação interna, que se traduz na avaliação dos professores na época das promoções dentro das carreiras, é um hábito cultivado desde a criação da Universidade. Aliás, o surgimento da Unicamp como um desafio ao prestígio e ao lugar que a USP ocupava, estabelecendo um espírito de competitividade sadia entre ambas e com as demais universidades, também contribuiu para criar o clima de competição interna que trouxe como resultado uma alta produtividade em termos nacionais.

JU — A discussão sobre a avaliação da produção universitária tem sido de algum modo uma preocupação sua?

Paulo Renato — Sim, e por isso estamos empenhados em aperfeiçoar nossos mecanismos de avaliação, que se devem refletir no aumento dessa competitividade sadia e evitar a tendência natural a uma acomodação na posição de primazia que individualmente desfrutamos no cenário brasileiro. Nesse sentido, noto com satisfação que o Conselho Universitário tem mostrado uma crescente preocupação com o questionamento do desempenho da universidade, o que, obviamente, conduzirá ao aprimoramento de nossa produção científica.

JU — O Sr. elaboraria uma lista de improdutivos aqui na Unicamp?

Paulo Renato — Nunca, porque não tem sentido preparar uma lista geral. Obviamente não podemos avaliar docentes de áreas tão diversas como Artes, Educação Física, Biologia, Engenharia e Economia apenas relacionando o número de publicações ao longo de um período de dois anos. O número de publicações é um critério, mas não é o único. Há muitos professores que passam dois anos elaborando suas teses. Eu mesmo demorei esse período para elaborar minha tese de doutorado. Então, incluir tudo em uma única lista é um procedimento incorreto até como exercício. No episódio da USP, sei que houve um grande mal-entendido porque a lista que acabou sendo filtrada para a imprensa era uma simples especulação sobre critérios de avaliação. O que nós — incluindo a USP — temos que fazer daqui para frente é oferecer critérios de avaliação aos departamentos. Além disso, parece-me que pela própria sistemática de avaliação anual dos docentes nos departamentos é muito difícil que tenhamos docentes improdutivos: ou eles estão envolvidos em atividade didática ou em atividade administrativa, chefiando departamentos e coordenando cursos ou ainda em pesquisas. Estas muitas vezes não constituem um trabalho de ponta que leve necessariamente à publicação de artigos. Há também situações de pesquisas desenvolvidas em equipe, e por isso alguns professores podem não ter artigos publicados em seu nome, embora tenham contribuído decisivamente nos trabalhos. Um exemplo dessa situação: em 1986 a Secretaria Estadual de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia elaborou um relatório de pesquisas em andamento e dos projetos tecnológicos que estavam na prateleira da Unicamp, onde se vê uma contribuição realmente significativa ao desenvolvimento industrial do país, embora não tenham sido objeto de publicação em artigos.

> *"Em geral os docentes estão envolvidos ou em atividades didáticas ou administrativas"*

Lima e Helion automatizaram o processo de avaliação do café em pó.

No exterior, o café brasileiro continua tendo a preferência.

Pesquisa avalia pureza do café

Famoso por seu aroma e sabor, o café, quando pousa na mesa do brasileiro, nem sempre traz a qualidade que lhe deu prestígio internacional. Impurezas e adulterantes freqüentemente alteram o produto final, embora, para o consumidor, eles sejam não apenas invisíveis como até mesmo imperceptíveis. Para fazer o controle de qualidade do café que vai para o mercado, o Instituto Brasileiro do Café (IBC) tem lançado mão de análises microscópicas que, todavia, não são inteiramente satisfatórias. Preocupados em viabilizar o processo automático de avaliação, não apenas do pó de café, mas também do grão, pesquisadores da Unicamp desenvolveram dois métodos cujos resultados já foram comprovados e aprovados pelo próprio IBC: o fotoacústico e o de ressonância magnética.

Desenvolvidos no Laboratório de Efeito Fotoacústico e Ressonância Magnética do Departamento de Eletrônica Quântica da Universidade, os trabalhos foram coordenados pelos professores Helion Vargas e Carlos Alberto S. Lima, ambos do Instituto de Física. Em 1984 eles encaminharam uma proposta ao IBC, com o objetivo de tornar viável um processo automático de avaliação de outros elementos comumentes encontrados no pó de café comercializado no Brasil e no exterior.

A proposta baseava-se na utilização do efeito fotoacústico, descoberto no final do século passado pelo inventor do telefone, Alexander Graham Bell. Porém, somente há 15 anos a descoberta vem merecendo aplicações sistemáticas. O processo permite o estudo de propriedades da matéria, em especial dos sólidos, principalmente nos casos em que estes são de difícil submissão aos métodos tradicionais de investigação. Nesse quadro estão situados os sólidos opacos granulados ou pulverizados, como o café em pó.

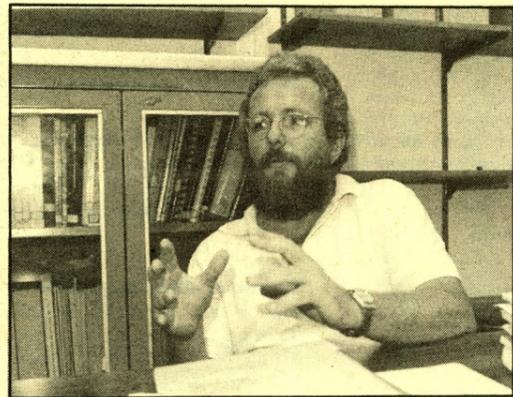
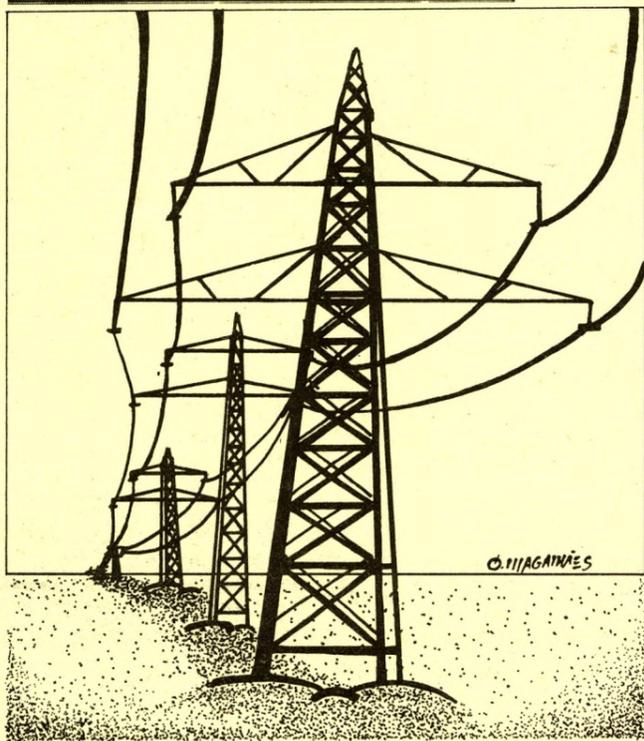
O efeito leva à geração de um sinal de luz capaz de denunciar mudanças na capacidade calorífica de uma amostra em que ocorram misturas. As análises têm acusado a presença de elementos adulterantes como milho torrado, cevada e — o mais freqüente — a própria palha do café. Segundo Lima, essas substâncias apresentam propriedades térmicas suficientemente diferentes do café, permitindo que a freqüência da luz emitida no processo fotoacústico determine os percentuais presentes na amostra. Esse método pode ser utilizado na análise de outras misturas, desde que os componentes apresentem propriedades térmicas diferenciadas. Os resultados da pesquisa foram apresentados no 10.° Congresso Internacional do Café, realizado em Salvador, em 1984, tendo sido posteriormente publicados no "Journal of Agricultural and Food Chemistry", uma das mais conceituadas revistas internacionais sobre agricultura e alimentos.

Ampliando a pesquisa

O trabalho de pesquisa realizado com o café em pó foi ampliado. Com o apoio do IBC, pesquisadores passaram a estudar o grão e também a própria planta. Foi desenvolvido um método que permite a comparação de teores de componentes hidrossolúveis entre diferentes amostras de café moído, cru ou processado. A técnica utilizada é a espectroscopia fotoacústica (um conjunto de técnicas de análise qualitativa baseado na observação de espectros fotoacústicos de substâncias). A possibilidade de determinação espectroscópica de teores relativos desses hidrossolúveis permite a avaliação do efeito de mutações genéticas na variação destes da ação dos teores. Estudou-se principalmente o café quanto ao comportamento da planta face à ação de um herbicida de contato de largo uso.

Através do processo de ressonância magnética foi possível estudar também a influência da água presente no grão de café cru e sua remanescência residual, face a diferentes níveis de torrefação. "Pudemos examinar seus efeitos sobre a produção de vários complexos orgânicos presentes no café torrado, características de armazenagem de grão, resistência ao ataque de fungos e influência sobre o aroma e o sabor", diz Helion Vargas.

Com o aprofundamento da pesquisa, espera-se que venha a ser possível estabelecer um padrão de referência para a normatização da classificação dos grãos de café cru de acordo com a qualidade da bebida que deles se obtém. "Hoje essa classificação é feita através de trabalho artesanal de avaliação, fortemente subjetiva, o do provador de café", diz Lima. Segundo ele, a existência de um padrão fornecerá uma base de referência fundamental para exame de consistência das avaliações dos provadores. "Não é demais lembrar que o preço internacional da saca de café varia de acordo com sua classificação, incontestavelmente determinada pelos padrões atuais a partir das avaliações de prova da bebida", finaliza o pesquisador, que, junto com Helion Vargas, vem atuando ao lado de toda uma equipe de pesquisadores, hoje ampliada com a presença dos Professores. Francisco Reis (IQ), Edson C. Silva (IF), Carlos Vinha (IF), Luís C. Miranda (INPE), além de vários estudantes de mestrado e doutorado e do apoio técnico de Dinah Serra (IF).

Energia, a solução pode ser regional

Bajay: planejamento regional através de pequenas centrais.

Nos últimos vinte anos as questões ligadas ao setor energético brasileiro têm sido conduzidas de maneira a favorecer a centralização, tanto a nível de sua organização institucional quanto no que diz respeito às formas de geração e suprimento de energia. Esse processo centralizador acabou por dificultar e até mesmo inviabilizar o desenvolvimento de novas técnicas e equipamentos destinados a incrementar a racionalização do setor.

No sentido de romper com essa centralização, a Área Interdisciplinar de Planejamento de Sistemas Energéticos, que conta com a colaboração de nove departamentos da Unicamp e está ligada à Faculdade de Engenharia de Campinas, tomou importante iniciativa ao implementar o desenvolvimento de pesquisas que busquem soluções regionalizadas para os problemas energéticos brasileiros. Trata-se, por enquanto, de uma iniciativa ainda tímida, segundo os professores Sérgio Valdir Bajay e Arnaldo Cesar da Silva Walter, da FEC, responsáveis pelo projeto, que tem suas duas principais linhas de ação já basicamente estabelecidas.

A primeira, de cunho mais geral, refere-se à realização de pesquisas voltadas para o Planejamento Energético Regional, em consonância com os objetivos do Programa de Implementação do Modelo Energético Brasileiro (Pimeb), cuja finalidade é fomentar e dar apoio às iniciativas estaduais no âmbito do planejamento local. Foi nesse sentido que a Unicamp assinou no dia 25 de março último um convênio com o Ministério das Minas e Energia (MME), com o objetivo principal de desencadear o desenvolvimento da cooperação técnico-científica na área de planejamento energético em programas e projetos de formação de pessoal a nível de pós-graduação, pesquisa, desenvolvimento e prestação de serviços na área.

Grandes possibilidades

De acordo com o convênio, os programas de cooperação a serem realizados deverão abranger as seguintes atividades na área de Planejamento Energético: cursos de pós-graduação, programas de estudos e projetos, desenvolvimento de pesquisas e levantamentos, serviços de consultoria técnica, treinamento de profissionais de nível superior em disciplinas de pós-graduação visando o aperfeiçoamento ou especialização, realização de estágios orientados e quaisquer outras atividades dentro da área de atuação de ambas as instituições — Unicamp e Ministério das Minas e Energia.

A segunda linha de ação do projeto relaciona-se com a área de geração descentralizada de energia elétrica através das Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs). O objetivo principal é o desenvolvimento de estudos sobre as condições em que a geração — através das Pequenas Centrais Hidrelétricas — é favorável ao Estado.

Com base nisso, a Unicamp assinou outro importante convênio, em fevereiro deste ano, com a Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) com a participação da Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI), denominado "Geração Descentralizada de Energia Elétrica por PCHs de Concessionárias no Estado de São Paulo". De acordo com o convênio, para cada uma das regiões estudadas, serão comparadas duas formas de atendimento da demanda prevista de energia elétrica: a) geração centralizada envolvendo compra de energia para suprimento (no caso, CPFL) e o reforço ou implantação das redes de transmissão e distribuição; b) geração descentralizada através de novas PCHs da concessionária e o reforço ou a implantação das redes de distribuição correspondentes.

Com relação a esta segunda linha de ação, Bajay salienta que "existem grandes possibilidades da Unicamp ser beneficiada com financiamento da comunidade européia, através da intermediação do Ministério das Minas e Energia".

Problemas Complexos

Segundo observações de Bajay, existe no Brasil uma grande carência de profissionais com formação abrangente em planejamento de sistemas energéticos, para enfrentar os muitos e complexos problemas encontrados pelos órgãos governamentais, empresas públicas e privadas, além de universidades envolvidas no estudo e gerenciamento eficiente dos hoje valorizados insumos energéticos.

O curso de pós-graduação na área interdisciplinar de Planejamento de Sistemas Energéticos da Unicamp — já em seu segundo ano —, contando hoje com 24 alunos, visa colaborar no preenchimento "dessa grave lacuna". Paralelamente à formação adequada de especialistas nessa área do conhecimento, a estrutura interdisciplinar diversificada e coesa do curso "propicia condições particularmente favoráveis para a realização de projetos de pesquisa de envergadura para a realidade nacional, como os ligados ao Planejamento Energético Regional e os das PCHs", acrescenta Bajay.

Unicamp ajuda a tratar vítimas do césio de Goiânia

Cássio Raposo: combinando tradição e técnicas experimentais.

Ernesto Fabiano: 45 minutos com a pedra no bolso e uma carga de três mil rads.

O paciente do quarto 16, na ala de dermatologia do Hospital das Clínicas da Unicamp, tornou-se uma celebridade entre os pacientes do hospital e um desafio para a equipe médica que o atende. Última vítima ainda grave da contaminação por césio-137 no acidente radioativo de Goiânia, em setembro do ano passado, o funcionário público Ernesto Fabiano chegou em fevereiro ao HC para tratar-se de um caso único na história da Medicina: uma lesão de aproximadamente 15 centímetros de diâmetro e dois de profundidade na coxa direita provocada pela radiação de uma pedra de césio tão pequena quanto um grão de milho que ele carregou no bolso da calça.

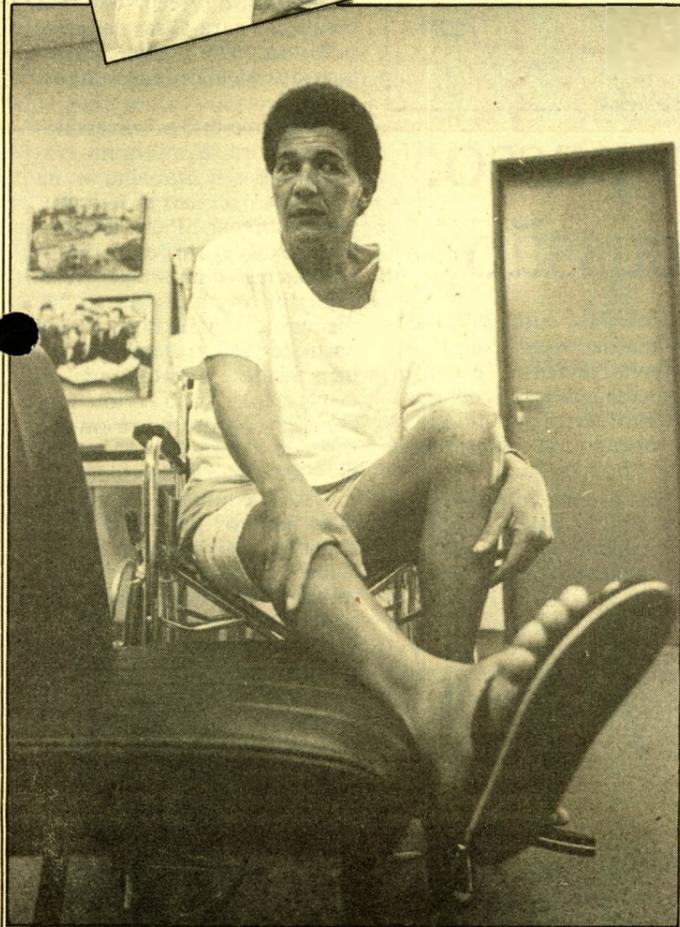
Ernesto recebeu uma carga concentrada de radiação de três mil "rads" (equivalente à carga que um paciente com câncer hematológico recebe durante um mês de tratamento) nos 45 minutos em que ficou com o pedaço da pedra no bolso. Foi o suficiente para comprometer toda a estrutura anatômico-muscular da região superior da coxa direita sem, entretanto, atingir artérias e a parte óssea. Pelo ineditismo da situação, sem precedentes na literatura médica, o tratamento da radiodermitite — nome científico da lesão — combina procedimentos tradicionais para situações de graves queimaduras (como enxerto de uma nova pele retirada do próprio paciente na região lesionada) e técnicas experimentais, como a aplicação da substância gel de colágeno na área doadora. Os resultados ainda não são conclusivos, mas estão contribuindo significativamente para ampliar as informações e a atuação da Medicina em um campo ainda pouco conhecido, disse o professor Cássio Raposo do Amaral, chefe da disciplina de cirurgia plástica da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e um dos responsáveis pelo atendimento a Ernesto Fabiano. A equipe é formada ainda pelo médico legista Nélson Massini, pelo clínico Marcelo de Carvalho Ramos e pelos assistentes da disciplina de cirurgia plástica Paulo Henrique Facchina Nunes e Marco Antônio Camargo Bueno.

O tratamento em Fabiano foi dividido em etapas. Inicialmente procedeu-se à retirada do tecido necrosado em toda a área lesionada. Em seguida aplicou-se uma solução antimicrobiana tópica, a sulfadiazina prateada, um produto importado. O medicamento, além de estar impedindo a ação de agentes infecciosos na lesão e favorecendo a formação do "tecido de granulação" — constituído por vasos sangüíneos neoformados e fibroblastos, muito rico em colágeno —, preparou a região para receber o enxerto.

Os resultados obtidos com a sulfadiazina prateada foram tão satisfatórios que a equipe médica preferiu abandonar, pelo menos temporariamente, a idéia de empregar um curativo biológico para restabelecer o tecido de granulação como o "bio-fio"(membrana de celulose obtida na biossíntese de bactérias) ou o gel de colágeno, desenvolvido na Unicamp pelo médico Benedito Campos Vidal. O gel de colágeno que foi utilizado para restaurar a área da coxa esquerda de Fabiano, de onde se retirou a pele enxertada, é um material biológico extraído de animais, e que forma uma película superficial sobre a ferida, favorecendo a cicatrização. "Casos comuns de queimaduras tratados com esse processo apresentam uma boa recuperação da área doadora de pele. Na situação de Ernesto, contudo, os resultados serão mais lentos", adiantou Cássio Raposo.

Convênio

Ernesto Fabiano não será, porém, a única vítima do acidente radioativo de Goiânia a receber assistência da Unicamp. Através de um convênio assinado com a Fundação Leide das Neves Ferreira (criada pelo governo de Goiás especialmente para atender às vítimas e que leva o nome da menina morta pela radiação), a Universidade comprometeu-se a acompanhar nos próximos anos as conseqüências do acidente junto às vítimas nas áreas médica, social e tecnológica.

A Fundação Leide das Neves acompanha, além das 244 pessoas que sofreram contaminação, os residentes em áreas próximas aos focos de contaminação e os técnicos que atuam no controle do acidente. Uma das funções da Unicamp, nos setores médico e educacional, será efetuar um levantamento das condições econômicas, políticas e sociais que ainda interferem na situação das vítimas, e proporcionar-lhes a reintegração à sociedade. O Laboratório de Radioquímica, do Instituto de Química, por sua vez, vai colaborar no mapeamento das áreas de contaminação a partir de análises de solo e água, ficando sob a responsabilidade do setor de hematologia do HC a elaboração de quadros clínicos periódicos dos efeitos do césio-137 no organismo das vítimas. Ao Departamento de Medicina Legal caberá a análise das vísceras retiradas das vítimas fatais e a confecção de material — aliás farto — para estudo da comunidade científica mundial.

Pediatria

Alojamento conjunto, uma experiência feliz

O alojamento conjunto de crianças com seus pais vem sendo adotado há dois anos na Enfermaria de Pediatria do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas. Tal procedimento é considerado pioneiro no país e começa agora a ser objeto de campanha estadual para ser estendido a outras unidades hospitalares, através da Sociedade de Pediatria de São Paulo.

A internação da criança, normalmente traumática — não só pela doença como também pela separação da família — pode ser sensivelmente reduzida pela presença da mãe. Segundo o pediatra Paulo Eduardo Moreira Rodrigues, chefe da Enfermaria de Pediatria da Unicamp, além das vantagens emocionais, essa conduta reduz os índices de infecção nas crianças, além de diminuir o período de sua internação no Hospital.

O retorno a uma prática perdida

O alojamento conjunto entre mães e recém-nascidos era prática comum nas décadas de 30 e 40. Era um procedimento internacional. Num determinado momento, os médicos atribuíram o aumento das infecções nos recém-nascidos ao fato de estarem permanentemente juntos das mães nos hospitais. Decidiu-se então afastar as crianças das mães com a criação do berçário.

Após décadas de observação clínica, percebeu-se que a correlação entre as infecções nos recém-nascidos com a presença constante das mães não só não era evidente como não apresentava fundamentação científica. A prática do berçário nos hospitais, ao contrário, é que apresentou efeitos negativos como a redução drástica no aleitamento materno, obrigando os médicos a reverem suas posições. Começa então, na atual década, o retorno às campanhas de aleitamento materno conjugado à volta das crianças aos quartos das mães.

A idéia do alojamento conjunto de crianças com suas mães vem sendo amadurecida entre os pediatras da Unicamp há cerca de 10 anos. Entretanto, a viabilização do programa só foi possível com a transferência do hospital-escola que funcionava no centro da cidade para o campus da Universidade, onde foi instalado o Hospital das Clínicas.

O Programa "Mãe Acompanhante", da Pediatria da Unicamp, começou a funcionar em abril de 1986. A Enfermaria conta com 36 leitos e uma equipe interdisciplinar formada por pediatras (docentes e residentes), enfermeiras, auxiliares de enfermagem, fisioterapeutas, uma terapeuta ocupacional, além do apoio de serviço psiquiátrico e psicológico. Toda essa equipe colabora com o programa para que a "mãe acompanhante" possa desenvolver com desenvoltura sua função no hospital. O único local onde não é permitida a presença da mãe é a Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Cerca de 70% das crianças internadas na enfermagem da pediatria do HC da Unicamp estão acompanhadas por suas mães ou alguém da família. Devido ao hábito das crianças terem suas mães nos quartos, as crianças eventualmente desacompanhadas se ressentem da ausência dos pais, sendo confortadas pelas enfermeiras ou por outras mães. Apesar do HC oferecer o alojamento conjunto, existem pais que, por motivos de trabalho, não podem permanecer ao lado de seus filhos.

Vantagens

No Brasil, a prática do alojamento conjunto de crianças com seus pais é praticamente nula. O hospital universitário da USP tentou adotar essa sistemática no início dos anos 80, sem sucesso. Isso porque apenas 20 a 30% das mães podiam permanecer em tempo integral no hospital. Em Campinas, nem mesmo o hospital especializado em atendimento infantil, o Álvaro Ribeiro, conseguiu trabalhar nessa linha.

As vantagens do alojamento conjunto, de acordo com o médico chefe da Enfermaria da Pediatria da Unicamp, Paulo Eduardo Moreira Rodrigues, são muitas. Uma delas é o fator emocional. "Até os quatro anos de idade a criança não tem ainda condições de saber se a mãe, ao sair de casa, retornará. O afastamento é sentido como um abandono", explica o médico.

Além disso, o alojamento conjunto promove a integração dos pais com a equipe de saúde, para que o tratamento tenha prosseguimento em casa, após a alta da criança. Como as crianças passam a ser mais manipuladas pelas mães (banhos, trocas de roupas etc), verificou-se uma redução acentuada nos índices de infecção hospitalar.

A orientação segura

A enfermeira Rosângela Corghi Gonçalves, diretora do serviço de enfermagem da pediatria, coordena o trabalho do programa "mãe acompanhante" desde o ingresso da criança no alojamento. No momento de admissão, os pais são orientados pela equipe médica e o serviço de enfermagem quanto a hábitos, higiene e cuidados com mamadeira, entre outros.

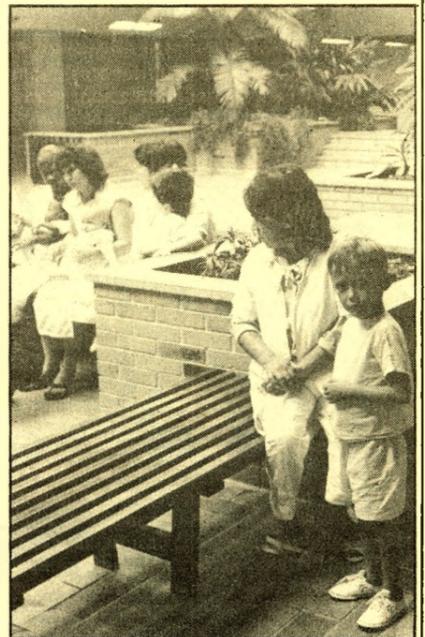
Para facilitar esse trabalho, a própria Rosângela, junto com outra enfermeira, Maria do Carmo Vênega, supervisora do serviço, e com o apoio de toda a equipe, elaboraram um manual de orientação para o setor. A filosofia do trabalho está contida num texto introdutório que afirma: "A criança nos ensina coisas que já havíamos esquecido e até aquelas que pensávamos não existir mais".

No manual, cada detalhe é observado. As informações variam desde a necessidade de lavar as mãos antes e após manipular as crianças, não oferecer alimentos a outras crianças internadas, não aceitar alimentos que os visitantes tragam para as crianças, não interferir nos procedimentos exclusivos da enfermagem até colaborar com a ordem e a limpeza da enfermaria.

A flexibilidade no atendimento do alojamento conjunto é tal que as crianças não precisam ficar presas a seus leitos. Elas podem circular por uma área interna no hospital, facilitando a convivência com outras crianças e com as mães. E como a área interna é coberta, está sendo providenciada a construção de um "play-ground" externo para que as crianças em melhores condições de saúde possam tomar sol.

Rosângela e Paulo: a importância do fator emocional.

Mãe e filho na enfermaria da Pediatria do HC.

Nem régua nem compasso: a avaliação em discussão

Mecanismo para averiguar em que medida a universidade está cumprindo as funções que a sociedade lhe atribui (ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade), a avaliação da produção universitária vem merecendo preocupação cada vez maior de professores e pesquisadores. O tema tem sido exaustivamente debatido porque envolve um processo complexo, que não pode ser executado superficialmente, e o principal motivo desse crescente interesse "parece estar na sensação de que há algo errado no sistema", avalia Hélio Waldman, pró-reitor de Pesquisa da Unicamp. "Todos queremos pôr o dedo na ferida, mas não sabemos onde ela está. Na ânsia de chegar até ela, roemos as unhas, compilamos estatísticas, definimos indicadores, tentamos medir a produtividade científica de alguma forma."

A questão central é que não se pode avaliar uma instituição múltipla e complexa sem respeitar a diversidade e a heterogeneidade que a caracteriza. É fundamental levar em conta o conjunto das atividades que desenvolve e a multiplicidade dos resultados que produz. A experiência assistencial, por exemplo, é uma exigência única na formação do docente em ciências médicas — e uma particularidade que certamente passaria despercebida em uma avaliação cujo único critério fosse o número de livros publicados. "A atividade assistencial contribui com 60% da formação de um docente em Medicina", frisa Edgard Ferro Collares, professor de pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Hélio Waldman explica que não pretende desvalorizar o esforço de projetar a pesquisa universitária — e os programas de pós-graduação onde ela ocorre — em números. Pelo contrário, considera esse procedimento válido e necessário pois, argumenta, uma falha básica do sistema de pesquisa universitária é a falta de informações sobre o que se faz, o que se pretende fazer, quem faz etc. "Todo levantamento de informações deve ser bem recebido como uma contribuição positiva. É um primeiro passo essencial a qualquer avaliação, mas o processo avaliativo não pode restringir-se a indicadores desse tipo: a missão da universidade é mais ampla", defende o pró-reitor de Pesquisa.

Melhores frutos

As dificuldades que uma avaliação envolve são de ordem técnica e discursiva, aponta o professor Luís Benedito Lacerda Orlandi, do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. "Para bem compreendermos os homens de uma determinada prática, é preciso que tenhamos a mínima familiaridade com essa prática. Assim como para bem apreciarmos o valor de uma peça musical devemos nos instalar no interior do debate da história da música, também a atividade de docência e de pesquisa exige, para ser avaliada, um engajamento crítico no interior do debate que se faz cotidianamente nesse universo de atividade", filosofa. "Assim, a primeira dificuldade é construir técnicas de avaliação que captem o delicado problema da produção intelectual da universidade e que traduzam fielmente o resultado daqueles debates que se dão com estardalhaço ou no silêncio das entrelinhas. A segunda é a elaboração de um discurso que seja a aceitável e necessária prestação de contas da universidade à coletividade que a sustenta", analisa o professor.

Orlandi observa ainda que a avaliação de um docente ocorre antes mesmo da data em que ele inicia sua atividade em determinado instituto ou faculdade. "Tentamos contratar, entre os profissionais disponíveis, aqueles que manifestam um potencial respeitável ou que tenham um trabalho reconhecido. Além disso, a todo instante estamos trocando informações a respeito de nós mesmos, não só quanto à qualidade específica de um artigo publicado, mas também quanto à importância de uma conferência proferida ou de um curso ministrado, e até quanto à excepcionalidade de uma aula dada."

Fernando Galembeck, professor titular do Departamento de Físico-química da Unicamp defende, por sua vez, maior rigor na avaliação da real capacidade de ensino de um docente. Ele afirma que a docência é a função menos avaliada na universidade, e sugere a promoção de avaliações sistemáticas de proeficiência dos alunos como forma de checar a performance dos mestres. "Pelos frutos se conhece a árvore", ilustra com uma citação bíblica. "Há indicadores ao acaso para verificar essa particularidade. Mas todos nós gostaríamos de dispor de índices mais objetivos sobre o nosso desempenho."

O nível, a atualização, a adequação e o grau de exigência dos cursos — ou seja, até que ponto motivam os estudantes a se aplicarem seriamente — são alguns dos aspectos que Galembeck considera importante serem observados na avaliação da docência. A ocorrência ou não do desenvolvimento necessário quanto à formação e informação do aluno é outro ponto a ser analisado. Ele lembra que o ensino universitário é avaliado sistematicamente (e com bons resultados) em países europeus e nos Estados Unidos, e cita o procedimento da "American Chemical Society", dos EUA.

"A entidade prepara testes a que estudantes são submetidos em todo país, cujos resultados são analisados em conjunto e comparativamente, e posteriormente publicados em revistas científicas. Todo mundo fica sabendo se determinado curso é bom ou ruim."

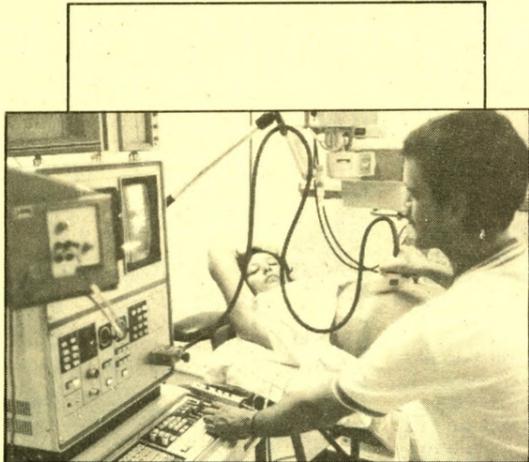
Um sistema complementar de avaliação que o pesquisador considera importante para as carreiras profissionalizantes da área de Exatas e para alguns cursos de Biomédicas é o acompanhamento do ex-aluno. Averiguar, por exemplo, o perfil da ocupação profissional de ex-alunos no mercado de trabalho e entrevistá-los periodicamente são procedimentos que podem oferecer subsídios valiosos, argumenta Galembeck. Ele salientou que um critério quantitativo que leve em conta o levantamento de trabalhos publicados necessariamente tem que observar o prestígio do órgão onde foi divulgado e o grau de repercussão da publicação, para ter valor. Outra especificidade que deve ser considerada ao se julgar a validade de uma pesquisa desenvolvida na área de ciências tecnológicas é o requerimento de patente, acrescentou.

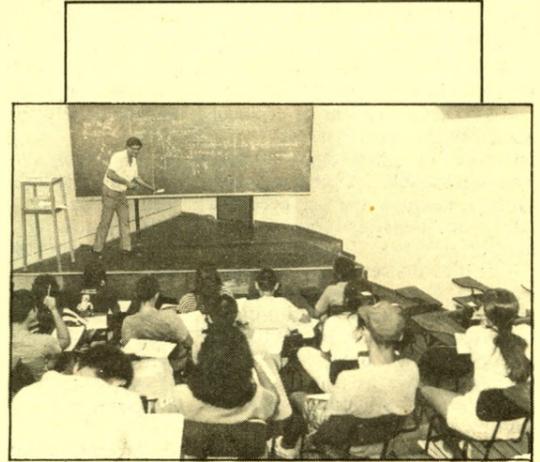
Cantinas e corredores

Para Helena Costa Lopes de Freitas, professora do Departamento de Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação e presidente de Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp), é necessário apenas organizar a discussão do problema. "A universidade é diariamente avaliada, seja nas salas de aula, nas cantinas ou nos corredores", diagnostica. Helena explica que, embora venha analisando a questão há pelo menos um ano e meio, a entidade que preside ainda não tem uma posição formal. Considera, porém, que sem o estabelecimento de uma política científica e acadêmica é impossível se obter parâmetros para discutir o problema da avaliação. "É preciso que haja uma política de pesquisas clara, voltada aos interesses da maioria da população, cuja definição não dependa de critérios impostos pelos organismos de financiamento", reivindica a docente. Ela também entende que outros problemas estruturais de ensino, como as condições de trabalho dos docentes e o comprometimento do Estado na destinação de recursos para pesquisa e para obras de infraestrutura, não podem ser esquecidos na abordagem do assunto.

Mas por que a universidade até agora se omitiu na avaliação de seu trabalho e na "punição" de seus professores improdutivos? Para Galembeck, existem razões de natureza inclusive históricas, relacionadas com a instalação dos regimes autoritários no País a partir de 1964, que ameaçava a integridade e a autonomia da instituição. "Isso criou um espírito corporativista muito forte de defesa da universidade", recorda o pesquisador.

Hoje, contudo, ele não vê mais motivos para essa resistência da universidade em assumir e corrigir suas eventuais falhas. "Não podemos nos dar o luxo de ter telhado de vidro", sentencia. "Questionar o regime de dentro para fora foi saudável. Mas agora temos de discutir nossos rumos com a sociedade", completa Waldman. "A avaliação é muito estimulante. Recusá-la e não admitir a necessidade de prestar contas à comunidade é demonstrar falta de maturidade científica", pontifica Walter August Hadler, um dos mais antigos pesquisadores da Unicamp. Professor titular do Departamento de Histologia e Embriologia do Instituto de Biologia da Universidade — que fundou em 1973 —, ele argumenta que a prática sistemática do hábito da avaliação cria uma saudável concorrência no ambiente de pesquisa, selecionando os melhores pesquisadores e aprimorando a qualidade dos trabalhos desenvolvidos.

O reitor Paulo Renato Costa Souza, da Unicamp, afirma que a prestação de contas da produção universitária é uma questão de honestidade da instituição para com a sociedade. "Afinal, a universidade usa recursos da sociedade, e deve cumprir um papel social que não pode prescindir de um julgamento da comunidade à qual está servindo", salienta.

Praticamente todos os professores estão envolvidos com atividades de extensão ou atendimento ao público.

A pesquisa, responsabilidade quase sempre conjugada ao ensino.

O ensino, uma das atividades permanentes do pesquisador.

Abolição

Há um século da barbárie

Forç.. de trabalho escravo no passado, ainda hoje 53% dos negros ganham menos de um salário mínimo.

IMPOSTO PROVINCIAL SOBRE ESCRAVOS

N. 24 — SERIE

Exercicio de 1884 a 1885

Leis N.os 25 e 26 de 28 de Março de 1884 e Regulamento de 30 de Julho de 1884.

Imposto de 5$000 por escravo (Lei N. 25 de 28 de Março de 1884) 20$000

Imposto de 3$000 por escravo (Lei N. 26 de 28 de Março de 1884) 186$000

Rs. 206$000

Certifico que o Snr. ... foi ... lançado e deve a quantia de ... de seus escravos, sendo quatro sujeitos ao imposto de 5$000 e ... ao de 3$000. E para poder effectuar-se a cobrança é passada a presente certidão.

Coll.ia de Campinas, em 3 de Fevereiro de 1885

O Escrivão

Pagou em 28 de Fevereiro ... respectivo a fl. 17, a importancia do mesmo ...

Imposto sobre escravos em 1884: 206 mil réis.

Documento de aquisição: o comprador é Hércules Florence, o pai da fotografia.

Slenes: homenagem póstuma a Eisenberg.

Há um século a princesa Isabel assinava a Lei Áurea. A partir daquele momento, cerca de um milhão de escravos estavam livres. Embora a lei dê ao negro o direito de ir e vir, de ganhar pelo seu trabalho e ter direitos de cidadania, a questão de sua verdadeira liberdade continua viva e polêmica. A um mês do Centenário da Abolição, o indivíduo não-branco (aí incluem-se, além dos negros, os pardos, os mulatos, os sararás etc.) ainda vive o problema do preconceito. Nem tudo se sabe sobre o negro, seus costumes, sua cultura. Pior: há às vezes uma manifesta vontade contra isso. E poucos conhecem seu verdadeiro talento.

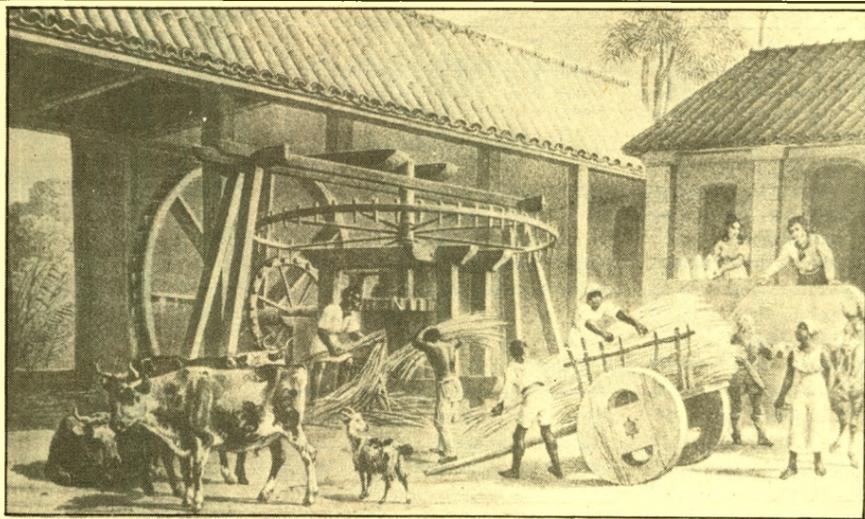
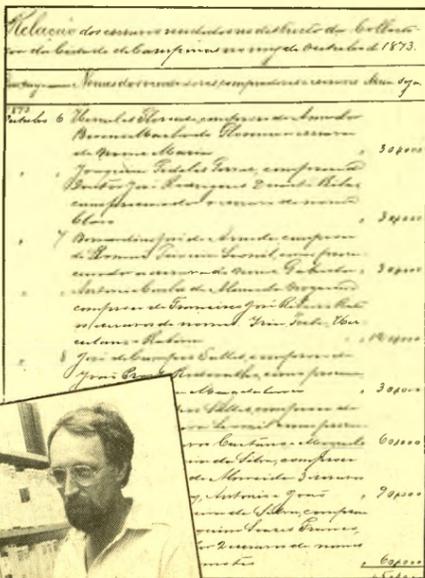
Se para alguns 1988 é um ano de comemoração, para outros é principalmente de reflexão. Na verdade, não há muito o que comemorar. Com o objetivo de problematizar a questão do negro de um modo geral, vários pesquisadores de diferentes setores da Unicamp desenvolvem há anos alentados trabalhos sobre o assunto. Além disso, uma extensa programação em função do centenário da Abolição está programada para o correr do ano, com a realização de simpósios, mesas-redondas e atividades artísticas.

Há negros, e não poucos, que sequer aceitam o 13 de Maio como data de referência para a conquista da liberdade da raça. Para estes, outros acontecimentos de maior significação moral precederam a Lei Áurea. E se a Lei Áurea aconteceu, não foi por exclusivo interesse humanitário. Cruzaram-se diversos interesses internacionais, nos quais, em geral, o pivô era a Inglaterra. É freqüente a interpretação histórica que atribui a pressões inglesas a verdadeira autoria da Lei Eusébio de Queirós — que proibiu o tráfico negreiro para o Brasil. "São fatores que mostram que a Lei Áurea não aconteceu por mera benevolência da Nação", diz a professora do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Unicamp, Raquel Trindade. Filha do poeta pernambucano Solano Trindade, Raquel afirma que o negro, a exemplo de qualquer ser humano, necessita de uma história. Entretanto, de acordo com ela, a história que aí está é mal contada, fundamentada em teorias elaboradas por brancos escravocratas.

Para Raquel, o mês de novembro é, na verdade, quando se deve comemorar as conquistas dos negros. Foi em novembro de 1695, em Pernambuco, que Zumbi liderou a grande luta no Quilombo de Palmares. Foi também em novembro de 1910 que ocorreu a "Revolta da Chibata", quando um negro chamado João Cândido liderou um grupo de marinheiros — inclusive brancos — contra os oficiais que faziam uso de chicotes. Os marinheiros tomaram os navios e voltaram suas baterias contra o porto do Rio de Janeiro. Nessa batalha muitos morreram mas os chicotes foram abolidos. Torturado, João Cândido morreu meses depois no Presídio da Ilha Grande.

Esses acontecimentos devolveram, afinal, a liberdade aos negros? Raquel Trindade acha que não. "Nem o branco é livre, quanto mais o negro", diz. "A única diferença é que o negro sofre em dobro. Se uma mulher sofre o problema da discriminação quando está em busca de emprego, a situação da negra ainda é mais árdua", garante. Os números do último censo do IBGE (1980) atestam o fato. Além de divisão social do trabalho, há também uma divisão racial do trabalho. Na primeira, a minoria branca comanda e se ocupa de atividades intelectuais. Na segunda, cabe ao negro o trabalho braçal. Da população brasileira economicamente ativa, os elementos não-brancos equivalem a 53,6% dos assalariados que ganham menos que o piso nacional. Os negros ocupam 59,4% dessa faixa, enquanto os brancos ficam com apenas 23,2%.

Grupo de estudos

Fazer um levantamento das atividades em curso na Universidade que abordem a temática do negro, seja como objeto de estudo, seja na forma de atividades de extensão à comunidade, através de eventos que veiculem as variadas manifestações artísticas da cultura africana, foi o primeiro trabalho (ver box) que se impôs o recém-formado Grupo de Estudos Afro-Brasileiros, ligado ao Centro de Memória da Unicamp. Criado no ano passado, o grupo visa "fomentar e sediar novas pesquisas, incentivando a participação de pessoas cujo talento ainda não é reconhecido".

Entre outras metas, o grupo está preocupado em alterar o processo que faz com que o negro atue somente na condição de objeto de pesquisa; pretende-se fazer com que ele se torne um agente ativo. "Queremos trazer o negro para as atividades dentro da Universidade e também levar à comunidade propostas e idéias levantadas nos bancos acadêmicos", diz a aluna de doutorado em Economia e membro do grupo, Lucila Bandeira Beato.

O maior acervo literário sobre escravidão existente na cidade localiza-se hoje no Centro de Memória. O acervo conta com três importantes coleções: o da Comarca de Campinas, onde constam milhares de processos criminais, cíveis, inventários, testamentos, cartas de alforria, ação de libertação, "habeas corpus", além de outros documentos; o da Recebedoria Estadual de Rendas de Campinas, que permite mapear o número de escravos comercializados no distrito de Campinas; e o do bibliófilo João Falchi Trinca, que doou ao Centro de Memória centenas de exemplares de jornais do século passado, onde podem ser resgatados anúncios de compra e venda, além de recompensa pela captura de negros fugidos.

Segundo o diretor do Centro de Memória, prof. José Roberto do Amaral Lapa, esses acervos vêm permitindo a obtenção de informações até então desconhecidas acerca do negro em seus diferentes campos de atuação. As revelações às vezes podem constituir curiosidades históricas nem sempre abonadoras, como por exemplo a que certifica que o inventor da fotografia, Hércules Florence, que morou em Campinas, comprou em 1873, de um certo Amador Bruno Machado, uma escrava de nome Maria.

Simpósio

Um dos eventos programados pela Universidade para comemorar o centenário da Abolição é o simpósio "Histórias de liberdade: cidadãos e escravos no mundo moderno", que será realizado de 23 de maio a 8 de junho. Promovido pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o simpósio focalizará o negro sob vários aspectos e situações no contexto social, desde o período escravista até os dias de hoje. Coordenado pelo historiador Robert Slenes, o evento servirá também para integrar os grupos de pesquisa do Departamento de História que trabalham com os temas "Escravidão e a transição ao trabalho livre" e "História da classe operária no Brasil, Europa e Estados Unidos". Embora distintas, as temáticas apresentam preocupações comuns, como o negro no contexto da cultura popular, o cotidiano do escravo e do operário, ambos em luta no processo de trabalho. No decorrer do simpósio, cada participante (estarão presentes renomados historiadores dos Estados Unidos e da Europa) falará sobre o tema que vem sendo seu objeto de estudo. O objetivo é reunir esses trabalhos para posterior publicação em livro.

Segundo o pesquisador, o simpósio funcionará também como um mostruário do que o Departamento de História vem produzindo desde sua criação. De resto, será também uma homenagem póstuma ao historiador Peter Eisenberg, principal articulador do simpósio e falecido no início de janeiro. Peter era uma espécie de consciência do grupo, que agora, sem ele, se reduz a cinco historiadores: Sílvia Hunold Lara, Sidney Chalhoub, Célia Maria Marinho de Azevedo e Leila Mezan Algranti, além do prof. Robert Slenes, que desenvolve no momento o trabalho "Companheiros de escravidão". Slenes prepara um estudo sobre importante aspecto da cultura escrava em Campinas, questionando a historiografia dos anos 50 e 60, que transmite a idéia de que a escravidão acabou com o sentido de família entre os negros, em razão de uma suposta promiscuidade. Esse preconceito repercutiu seriamente na vida do negro após a Abolição, limitando, sobretudo, sua ascensão social. Historiadores tradicionais chegam a afirmar que o negro ficou espoliado em relação à sua cultura e resistência. É nesse aspecto que se enquadra o questionamento do prof. Slenes. Segundo ele, o escravo soube elaborar sólidas estratégias de resistência.

Aqui, o que a Unicamp já escreveu a respeito

É significativo e crescente o número de pesquisadores que, em diferentes unidades da Unicamp, acolheram o negro ou a escravidão como tema de suas dissertações de mestrado ou doutorado. Algumas dessas pesquisas se tornaram livros ou estão prestes a ser publicadas. A relação abaixo, que pode estar eventualmente incompleta, foi levantada pelo Centro de Memória da Unicamp:

"Onda negra, medo branco", da prof.ª Célia Mara Marinho de Azevedo (Dept.º de História — IFCH). **"Retrato em branco e negro"**, da prof.ª Lilia Moritz Schwarcz (Dept.º de Ciências Sociais — IFCH). **"Campos de violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750 — 1808"**, da prof.ª Silvia Hunold Lara (Dept.º de História — IFCH). **"Resistência e superação do escravismo na Província de São Paulo, 1885 — 1888"**, do prof. Ronaldo Marcos dos Santos (Grupo de Estudos Afro-brasileiros). **"Trabalho escravo e trabalho compulsório no Brasil, 1870 — 1930"**, do prof. Luiz Felipe de Alencastro (Instituto de Economia). **"Visões da liberdade: escravos e libertos na cidade do Rio de Janeiro, 1870 — 1888"**, do prof. Sidney Chalhoub (Dept.º de História — IFCH). **"O feitor ausente"**, da prof.ª Leila Mezan Algranti (Dept.º de História — IFCH). **"O mercado de trabalho livre no Brasil"**, do prof. Ademir Gebara (Centro de Memória). **"A família escrava"**, de Robert Slenes (Dept.º de História — IFCH). **"Nupcialidade da população negra no Brasil"**, da prof.ª Elza Berquó (Núcleo de Estudos Populacionais).

"Fecundidade da mulher negra: constatações e questões", da prof.ª Alícia Bercovich (Núcleo de Estudos Populacionais). **"Mortalidade infantil da população negra brasileira"**, da prof.ª Estela Maria Garcia Tamburo (Núcleo de Estudos Populacionais). **"Distribuição de renda entre negros e brancos nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo"**, da prof.ª Lucila Bandeira Beato (Grupo de Estudos Afro-brasileiros). "O estado escravista moderno no Brasil, 1831 — 1888", do prof. Décio Saes (Dept.º de Ciências Sociais — IFCH). **"A reprodução natural de escravos em Minas Gerais (século XIX)**: uma hipótese", do prof. Wilson Cano (Instituto de Economia).

Pós da Unicamp melhorou desde 84

Numa época de discussão exaustiva e até exasperada da produtividade universitária, a Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Ensino Superior), órgão vinculado ao Ministério da Educação, vem demonstrar que essa produtividade não só existe como é altamente satisfatória. Ao divulgar, no mês passado, um relatório contendo a avaliação de 24 cursos de pós-graduação da Unicamp, referente ao biênio 1985-86, a Capes concedeu a nota máxima ("A") a 54% dos cursos de mestrado e a 72% dos cursos de doutorado da Universidade.

A Capes, em sua avaliação periódica, atribui quatro conceitos: "A" (recomendável); "B" (adequado); "C" (suficiente) e "E" (precário). A nível de mestrado, a Unicamp recebeu 13 conceitos "A", sete "B" e um "C", este último na área de imunologia, ligada ao Instituto de Biologia. Esta mesma área é responsável pelo único conceito "E", entre os 11 cursos de doutorado agora avaliados; oito receberam nota máxima e apenas a um foi atribuído conceito "B".

Comparando os dados com a última avaliação realizada pela Capes em 1984, nota-se que houve progresso na qualidade dos cursos, ou pelo menos foi mantido o conceito atribuído anteriormente. Cursos como Engenharia Mecânica (FEC), Farmacologia (FOP), Física (IFGW) e Química (IQ), tanto a nível de mestrado quanto de doutorado, recebem nota máxima desde 1981. Quadro quase semelhante é apresentado pelo curso de Lingüística (IEL), que somente em 1981 desceu ao conceito "B", a nível de mestrado. De lá para cá, todas as notas foram máximas. Os cursos de Teoria Literária (IEL) e Antropologia Social (IFCH), que são oferecidos somente a nível de mestrado, também vêm mantendo a mesma qualidade: recebem conceito "A" desde 1981.

Alguns cursos, entretanto, mostraram sensível progresso, segundo a Capes. Nesse quadro estão situados os cursos de Ciências Sociais e História (IFCH), ambos a nível de doutorado, que receberam conceito "A". O curso de Matemática Aplicada (IMECC), a nível de mestrado, que desde 1983 recebia conceito "B", também ascende agora ao grau máximo.

UNIDADE	CURSOS	AVALIAÇÃO M	AVALIAÇÃO D
FE	Educação	A-	A
FEC	Engenharia Mecânica	A	A
	Engenharia Química	B	-
FOP	Materiais Dentários	B	-
	Odontologia (Farmacologia)	A	A
	Odontologia (Ortodontia)	SC	-
	Radiologia	B	-
	Biologia e Patologia Buco-Dental	B	SC
IB	Bioquímica	SC	-
	Imunologia	C	E
	Fisiologia e Biofísica	A	-
IG	Geociências	SC	-
IEL	Linguística	A	A
	Letras (Teoria Literária)	A	-
IFCH	Antropologia	A	-
	Ciência Política	B+	-
	Ciências Sociais	-	A-
	Sociologia	B	-
	História	A	A
IFGW	Física	A	A
IMECC	Ciência da Computação	B+	-
	Estatística	A	-
	Matemática	A	B-
	Matemática Aplicada	A	-
IQ	Química	A	A

(*) SC - Sem Conceito

Quadro de avaliação da Capes para os cursos de pós-graduação da Unicamp — biênio 1985/86

Capes considera 'muito boa' metade da pós da Unicamp

Manchete da "Folha": destaque para os programas de História.

Estes cursos recém-avaliados pela Capes representam pouco mais da metade dos programas de pós-graduação oferecidos pela Unicamp. Os 16 restantes passam no momento pelo processo de avaliação do órgão através de comissões compostas por consultores científicos de várias universidades do País. Esses consultores são indicados pelas coordenadorias de programas e por sociedades científicas. A avaliação é realizada com base em informações enviadas pelos cursos, visitas dos consultores às instituições e através do cadastro geral de produção científica mantido pelo órgão.

As informações possibilitam a avaliação dos cursos através de características do corpo docente no que diz respeito à sua dimensão, considerando o número de alunos e as disciplinas oferecidas; sua qualificação em relação à titulação formal; sua composição de forma a atender às necessidades do curso; sua dedicação considerando o regime de trabalho e a distribuição das atividades dos cursos entre os professores. Além disso, cabe à comissão analisar as atividades de ensino, da produção científica docente e discente e o fluxo de alunos. Através dos resultados, a Capes define critérios de distribuição de bolsas de estudo e o apoio institucional aos cursos. Estão excluídos da avaliação os cursos em fase de implantação ou reestruturação.

"Playboy"

Quatro cursos de pós-graduação da Unicamp aparecem em primeiro lugar no 7.º "Ranking Playboy", divulgado em março deste ano: Engenharia Elétrica (FEE), Estatística (IMECC), Letras (IEL) e Pedagogia (FE). Em posição também privilegiada estão outros seis cursos, classificados em segundo lugar, de acordo com o "ranking": Biologia (IB), Engenharia Mecânica (FEC), Filosofia, Ciências Sociais e História (IFCH) e Química (IQ).

Para avaliar os cursos, a revista "Playboy" enviou 15.000 questionários a docentes universitários de todo País solicitando a indicação dos dez melhores cursos do Brasil, com base em experiência na área e contatos com outros acadêmicos. Paralelamente são analisados dados e relatórios de órgãos ligados ao ensino superior, como Capes, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e Secretaria de Educação Superior, do MEC.

Sobe participação da escola pública

Há uma espécie de consenso de que só passa no vestibular da Unicamp quem fez cursinho. Essa crença começa a ser desmentida. As estatísticas referentes ao último exame demonstram que ambos os contingentes — quem fez e quem não fez cursinho preparatório — estão quase parelhos.

Essa é uma das conclusões a que chegou o grupo de trabalho coordenado pelo prof. Newton Balzan, para traçar o perfil demográfico do vestibulando. Para se ter uma idéia, dos 13.260 candidatos inscritos no vestibular do ano passado, 47,8% haviam freqüentado pelo menos um cursinho preparatório, com um índice de 61% de aprovados contra 49,3% que não fizeram cursinho, atingindo uma média de 39,8% de aprovações. Para este ano, a coisa foi um pouco diferente: dos quase 30 mil candidatos inscritos, 56,7% passaram por algum cursinho (destes, 55% foram aprovados) contra 39,9% que não o fizeram, com um índice de 41% de aprovados.

"Trata-se na verdade de uma diferença pouco significativa — diz o prof. Jocimar Archangelo, integrante do grupo de trabalho — acrescentando, contudo, que "estamos diante de um dado novo, que precisa ser levado em consideração, pois pode significar que algo está se alterando."

Todavia, ainda de acordo com suas observações, o perfil do vestibulando da Unicamp permanece praticamente o mesmo do ano passado, considerando seus hábitos, gostos, preferências e atividades artístico-culturais.

Os alunos certamente têm uma imagem positiva da Unicamp como instituição superior. Indagados sobre os motivos principais que os levaram a procurar a Unicamp, mais de 70% dos aprovados apontaram o fato de se tratar da "instituição que oferece o melhor curso no seu campo de interesse" e "conceito de que a Unicamp desfruta como universidade".

Quadro atípico

Análises feitas em 1988 pelo grupo de trabalho apontam que os alunos do curso de matemática noturno — instalado este ano na Unicamp — apresentam um quadro atípico que destoa totalmente dos demais estudantes da Universidade. Jocimar os define explicando que "o que os diferencia da maioria dos alunos do período diurno é basicamente a história familiar deles, que se aproxima mais fielmente da realidade do povo brasileiro". Um bom exemplo que os caracteriza bem refere-se à formação dos pais desses estudantes. Enquanto que no geral 36% das mães têm curso superior completo ou incompleto, no grupo da matemática noturno esse índice é zero. Outro dado significativo está ligado à formação dos pais: no geral, 52% têm curso superior, enquanto que no grupo da matemática esse percentual sofre uma redução espantosa para 8,33%.

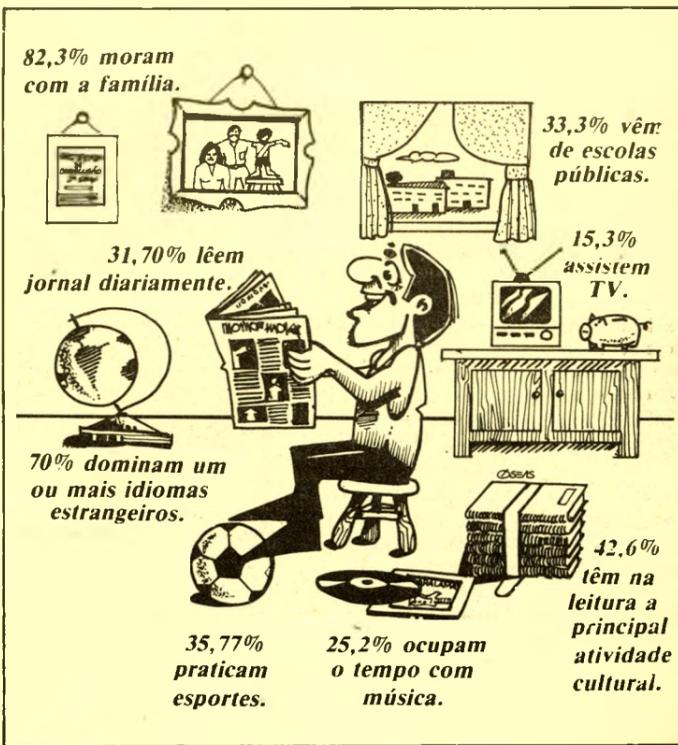
Para o primeiro curso de matemática no período noturno foram inscritos 102 candidatos e aprovados 24. Desses, 70,8% vieram de escolas públicas de segundo grau, ao passo que os demais, isto é, os do período diurno, tal cifra cai para 33,3%. Se metade do pessoal da matemática é procedente do colegial noturno, apenas 7% dos demais estudavam à noite. Dos 24 aprovados sete são casados. Três têm algum curso superior concluído. Mais de 20% deles terminaram o colegial antes de 1981, o que significa, de acordo com o levantamento, que esse contingente já conta hoje com mais de 25 anos de idade. Significa ainda que, no geral diurno, apenas 2% dos estudantes concluíram o colegial antes de 81. Além disso, foi levantado que 87,5%, ou seja, 21 alunos da Matemática trabalham e são responsáveis pelo seu próprio sustento. Exatamente o oposto ocorre com os demais estudantes, onde 90% deles não desenvolvem nenhum tipo de trabalho e são sustentados pela própria família.

Leitura: cresce a preferência

Uma outra informação interessante relaciona-se à leitura de jornais e programas jornalísticos de TV. Exatos 31,70% lêem jornal diariamente, 9,56% só aos domingos, 51,47% ocasionalmente, 4,31% não lêem e 2,95% não responderam à pergunta. Na análise do prof. Balzan, esse índice de 31,70% comprova que o candidato que lê jornal todos os dias tem maiores possibilidades de se classificar. Quanto aos jornais de TV, as estatísticas feitas demonstram que houve uma redução na preferência dos 5.885 candidatos aprovados no vestibular deste ano: os 43% do ano passado caíram para 34% este ano, enquanto a preferência pelo "jornal escrito" teve um acréscimo de 8,9%, ou seja, subiu de 27,5% para 36,4%.

De acordo com os levantamentos, pode-se observar, em relação ao item "atividades culturais" (leitura, música e TV) que os estudantes estão deixando um pouco de lado a TV e a música, voltando-se mais para a leitura. No ano passado, os candidatos inscritos apresentavam os seguintes resultados: leitura, 35%; música, 25,4%; e TV, 19,1%. Este ano, embora com pequenas diferenças, os candidatos inscritos apresentaram os seguintes resultados: leitura, 42,2%; música, 24,7%; e TV, 16,8%. Candidatos aprovados no ano passado: leitura, 42,2%; música, 24,7%; e TV 16,8%. Candidatos aprovados este ano: leitura, 42,6%; música, 25,2%; e TV, 15,3%.

Lembrando que o envolvimento político-partidário dos candidatos equipara-se, hoje, praticamente aos mesmos índices do ano passado, o prof. James Maher, também integrante do grupo de trabalho, diz que apenas 2,44% dos aprovados no vestibular deste ano têm uma participação mais ativa. Já nas atividades esportivas de um modo geral, James explica que o índice de participantes é bem maior, estando na casa dos 35,77%.

O grupo que desenvolveu o Perfil Demográfico do Vestibulando é constituído pelos professores Newton Balzan (FE/Coordenador), James Maher (FE), Jocimar Archangelo (Comvest), Niuvenius Paoli (IFCH) e Antonio Faggiani (responsável pela Diretoria Acadêmica).

Pré-escola modelo pode vir a ser reproduzida

Os filhos de funcionários da Unicamp, que já vinham se utilizando das creches na Universidade, contam, desde o dia 22 de março último com um novo serviço: a Pré-Escola. O início de funcionamento da Pré-Escola, que atenderá num primeiro momento 250 crianças de dois a quatro anos, atende a antiga reivindicação dos funcionários e faz parte da filosofia da atual administração de garantir a escolaridade das crianças, além de investir na formação de seus funcionários, através do Supletivo.

Além de contribuir para a educação dos filhos de seus funcionários (a proposta da Reitoria é oferecer em seguida o 1.° grau), a Pré-Escola da Unicamp inaugura um novo modelo de trabalho na área educacional. Esse esforço possibilitará a multiplicação de vagas no município de Campinas. Através de convênio firmado com a Secretaria de Educação da Prefeitura da cidade, a Unicamp viabiliza uma nova experiência administrativa que deverá ser repetida pela Prefeitura Municipal com outras instituições públicas e privadas.

Convênio multiplicador

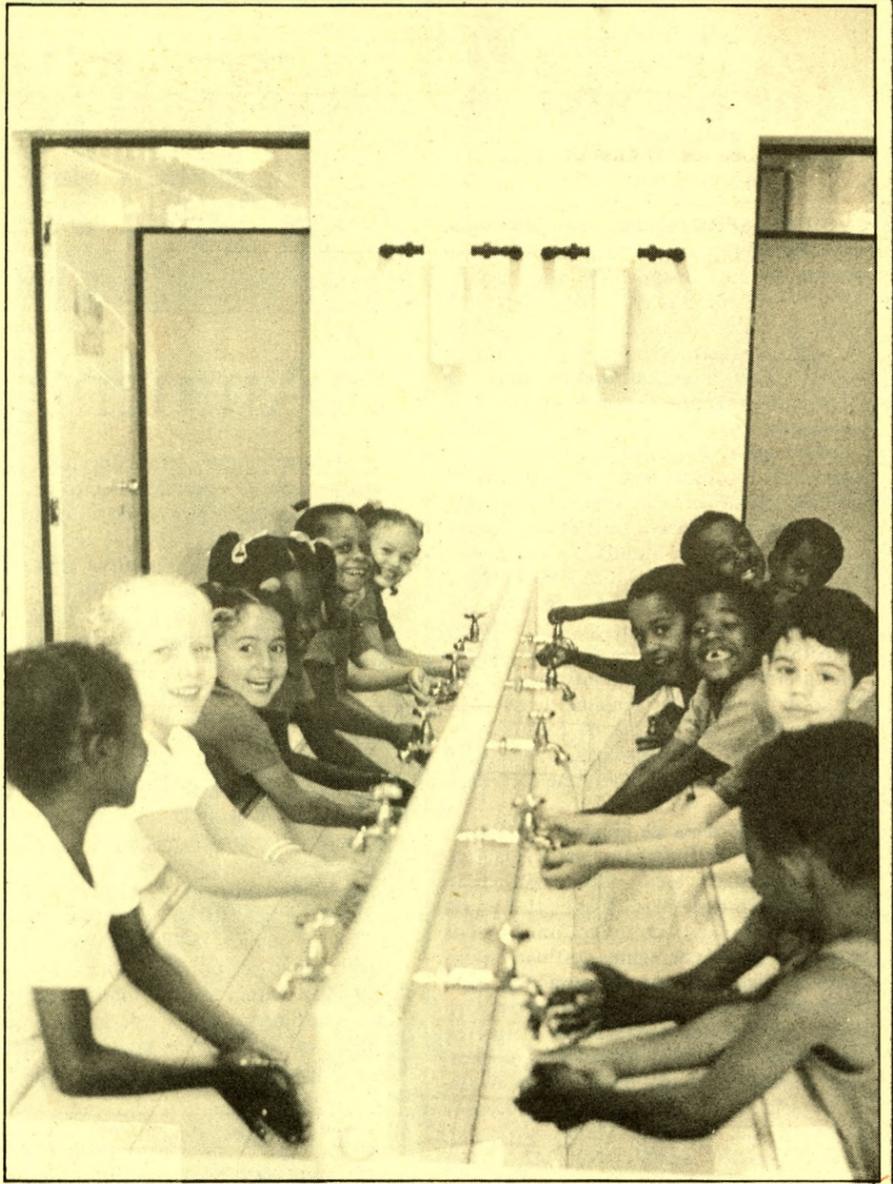
Os 650m2 de área do prédio de três andares da Pré-Escola da Unicamp foram construídos com verbas da Universidade. A Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação, entra com professores e orientação pedagógica. A experiência-modelo será agora estendida ao município como um todo. O prefeito da cidade já vem mantendo contato com empresas públicas e privadas para a execução de convênio semelhantes.

O município de Campinas atende apenas 15 mil crianças em idade pré-escolar para uma demanda populacional estimada em 60 mil crianças. A Rede Municipal supre hoje 6.000 crianças. Mais 7.000 são atendidas pelo Ministério da Educação em convênio com a Prefeitura e outras 2.000 pela rede particular de ensino. O reitor da Unicamp, Paulo Renato Costa Souza, entusiasta da solução encontrada em conjunto com o prefeito José Roberto Magalhães Teixeira, acredita que a iniciativa da Universidade terá um efeito multiplicador na oferta de vagas para essa faixa etária.

Educação transformadora

A pré-escola da Unicamp funcionará em regime de tempo integral, das 8:30 às 16:30 horas. A Unicamp fornecerá o almoço e a Prefeitura o lanche. Trabalham na pré-escola 26 funcionários, sendo 16 deles professores distribuídos em dois turnos. A coordenação pedagógica é da professora Conceição Aparecida Marciano, que exerce também o cargo de diretora da escola.

O prédio da pré-escola conta com oito salas de aula arejadas e decoradas com motivos infantis. Um refeitório com cozinha e despensa, uma sala dos professores, secretaria e uma ampla sala para atividades pedagógicas internas compõem o espaço. Para as brincadeiras externas, um **playground** possibilita às crianças tomarem sol ao mesmo tempo em que dão início ao processo de socialização.

Educação transformadora. Esta é a filosofia pedagógica adotada pela escola. Adaptada da pedagogia libertadora de Paulo Freire, a educação transformadora tem por princípio valorizar a criança, que é vista como "o ser pensante que é, e com direito a voz e vez", explica a coordenadora pedagógica da pré-escola.

A Pré-escola atende, num primeiro momento, 250 crianças de dois a quatro anos.

Supletivo ganha mais espaço e amplia número de vagas

A contraditória convivência do saber acadêmico com o baixo nível de escolaridade de boa parte de seus funcionários começa a ser revertida na Unicamp. Desde outubro passado, com a criação do Núcleo Avançado do Centro de Educação Supletiva, a Universidade vem oferecendo educação suplementar a nível de 1.° grau para seus funcionários. Agora, com a inauguração, no final do mês de março, da sede própria do Núcleo, esse atendimento será estendido a todos os 1.194 funcionários inscritos no programa.

"Com o Supletivo, a Universidade cumpre não apenas um compromisso, mas uma obrigação social e dá conta de seu papel educacional no processo de sua inserção no ensino de 1.° e 2.° graus", afirmou o reitor Paulo Renato Costa Souza, ao entregar o novo prédio aos funcionários. Segundo o reitor, "num futuro breve será implantado o 2.° grau", para possibilitar o aperfeiçoamento profissional dos funcionários da Unicamp.

A existência do Supletivo no campus da Unicamp, que deverá futuramente se transformar num Centro oficial do Estado de São Paulo para o município de Campinas, se tornará também num campo fértil de investigação para os professores da Faculdade de Educação da Universidade. Preocupada em contribuir para a melhoria do sistema educacional como um todo, a Universidade de Campinas pode também influir decisivamente nos rumos dos cursos Supletivos.

Administrado pelo Núcleo Avançado do Centro de Educação Supletiva do Estado de São Paulo, que é responsável por toda a orientação pedagógica do curso, assim como pela cessão dos professores, o Supletivo difere dos cursos convencionais da área. Na Unicamp, os alunos não são obrigados a cumprir o currículo de forma seriada em dois anos. A conclusão dependerá exclusivamente do trabalho de cada aluno. Para isso, o atendimento será individual. O curso Supletivo é parte do programa da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários.

Histórias de um coral que fez história

Psiquiatra há 38 anos, já foi jornalista profissional, ator de radionovela e de teatro. Depois enveredou pela Medicina e não saiu mais: durante o longo tempo em que trabalhou na área de patologia geral do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, fez mais de 1.500 autópsias. Hoje divide seu tempo entre o Departamento de Medicina Legal da Unicamp, o Sanatório Cândido Ferreira, no distrito campineiro de Souzas, onde atua como diretor clínico, e a releitura de clássicos como Dostoiévsky, Victor Hugo, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos.

Para um homem com tantas e variadas habilidades não é difícil acrescentar mais uma: a de regente de um coral que fez escola em Campinas nos anos 60 e que, pelas suas peculiaridades técnicas, serviu de estímulo para o surgimento de diversos outros grupos.

Décio Silveira Pinto de Moura, hoje com 65 anos, foi regente do Coral da Faculdade de Medicina da Unicamp por quase cinco anos. O primeiro grupo, formado por estudantes, nasceu em 1967, embora dois anos antes já viesse atuando, "timidamente", como diz Décio, com certa freqüência. Esse grupo inicial era liderado por seis alunos de medicina: Marília Bernardes Marques, Timochenko Dugaish, Danton Croco, Francisco Viacava, Jaira Moema Lisboa Camargo e Antonio Carlos Giampietro. Para que o grupo tivesse uma estrutura mais sólida criou-se então uma diretoria, subordinada à diretoria do Centro Acadêmico "Adolpho Lutz". E na noite de 23 de maio de 1967 iniciava sua vida pública, já sob a regência do médico-psiquiatra Décio de Moura.

Obras Renascentistas

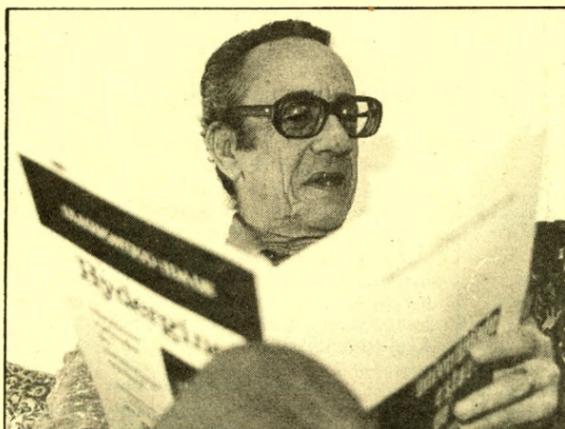
O ex-regente, voz de baixo profundo, não se intimida ao afirmar que não tem formação acadêmica no campo da regência: sua única experiência consistia em ter integrado corais de São Paulo, como o Cantoria Ars Sacra, por exemplo, que acabou levando-o a apresentações na Europa, sob as expensas do Itamaraty. Foi um período altamente gratificante e instrutivo, segundo Décio, quando chegaram a aparecer em programas de TV em Portugal, Itália e Espanha.

Aliado a experiências adquiridas fora do país está o fato de haver estudado canto na ProArte e teoria musical com o prof.° Osvaldo Lacerda, "que me deixou apto também para reger corais", ressalta Décio. Mas, referindo-se ao Coral da FCM, nada disso teria resultado num trabalho marcante "não fosse o empenho e a dedicação dos estudantes e a paixão pelo repertório que havíamos escolhido". Segundo o ex-regente, o Coral da FCM foi o primeiro em Campinas a interpretar obras renascentistas. "Os que faziam música naquela época não acreditavam que o público viesse a aceitar e entender o tipo de música que cantávamos, em geral peças escritas nos séculos XV e XVI.

Acontece que, para surpresa nossa, o público já conhecia esse gênero e, com isso, o Coral da FCM foi se solidificando cada vez mais", explica Décio, ao ponto de, a convite do maestro Leon Kaniewski, cantar com a Orquestra Juvenil de São Paulo. Sem sofisticação ou grandes lances de ocasião, o coral crescia, adquirindo **know-how** a cada apresentação.

Os ensaios, no entanto, eram feitos em locais improvisados, como salas de aulas do velho prédio da Santa Casa de Campinas. "Não havia piano e muitas vezes ensaiávamos ora sentados, ora de pé e até mesmo agachados", lembra Décio. Um dos grandes incentivadores dos movimentos de corais de Campinas, que inclusive trabalhou arduamente para que se criasse uma federação local, foi Vilma Brandemburg, hoje professora de teclados no Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp.

Produção

Danton Croco, um dos integrantes do grupo inicial e hoje pediatra, lembra que "naquele tempo tudo era levado muito na raça, e que, conduzido pela energia e força de vontade do Décio o Coral da FCM não demorou muito tempo para se tornar um dos melhores da cidade". Ele dirigiu o coral até o início de 71, quando, por iniciativa do prof.° Zeferino Vaz, reitor da Unicamp na época, passou a ser o coral oficial da Universidade. Hoje, pai de dois filhos, (Júlio César de 7 anos e Augusto César de 8: "casei-me com 56 anos", esclarece) o velho regente não pensa voltar à antiga atividade. "Comparo-me aos cavalos de corrida", diz, "no começo de carreira vivem para correr, mas depois de velho vão para detrás das cocheiras". A comparação áspera apenas revela o bom humor do velho batalhador. E batalhas como a sua a Universidade não costuma esquecer.

Décio: "Ensaiávamos sentados, de pé ou agachados".

DE OUTROS CAMPI

UFRJ e SPRU: Seminário Internacional — A coordenação dos programas de pós-graduação e o Instituto de Biofísica da UFRJ e o SPRU (Science Police Research Unit) da Universidade de Sussex, Inglaterra, estão organizando o seminário conjunto SPRU/UFRJ, a ser realizado nos dias 11 e 12 de abril próximos. O seminário abordará quatro tópicos: 1) produção industrial de petróleo **off-shore**; 2) tecnologia da informação; 3) biotecnologia e prioridades em política científica. Maiores informações com Darcy de Almeida, Instituto de Biofísica, CCS, bloco G, Fundão, CEP 21941, Rio de Janeiro, RJ, fone (021) 590-3329.

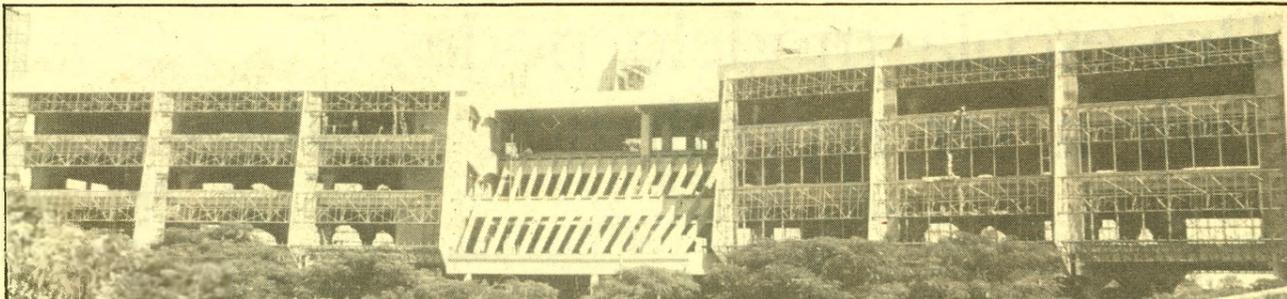
I SIBRACEN — De 2 a 4 de maio será realizado em Ribeirão Preto o I SIBRACEN (Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem). Maiores informações poderão ser obtidas na Comissão de Divulgação do Simpósio, Escola de Enfermagem da USP, à Av. Bandeirantes, 3.900, CEP 14040, Ribeirão Preto, SP, fone (016) 634-1190.

Semente é tema de curso — O Centro Nacional de Treinamento em Armazenagem (Centreinar), localizado no campus da Universidade Federal e Viçosa (UFV) vai promover, de 6 a 10 de junho, um curso de Armazenagem de Sementes destinado a técnicos de nível superior que atuam na área. O objetivo é fornecer conhecimentos teóricos e práticos que possibilitem o aperfeiçoamento das atividades na área de secagem e armazenamento de sementes. A carga horária será de 40 horas-aula e a taxa de inscrição, de 10 OTNs. Maiores informações através do fone (031) 899-2242.

Produção de Fertilizantes — No período de 27 a 29 deste mês, o Centro de Estudos de Fertilizantes do IPT estará realizando o "Simpósio Brasileiro de Tecnologia de Produção de Fertilizantes", com o apoio da Anda (Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas) e do Ibrafos (Instituto Brasileiro do Fosfato). O simpósio se destina a profissionais e empresas que atuam na produção de fertilizantes, abordando aspectos de pesquisas e desenvolvimento de tecnologia e engenharia nacionais e de problemas industriais. Maiores informações e inscrições pelo fone (011) 268-2211, ramal 176.

Uso de explosivos em mineração — A Divisão de Minas e Geologia Aplicada do IPT vai realizar, no período de 26 deste mês a 19 de maio, o curso de treinamento para implantação e fiscalização no uso de explosivos em minerações próximas a áreas urbanizadas e/ou edificadas. O objetivo desse curso, voltado para profissionais dos setores público e privado ligados à área, é suprir informações técnicas no sentido de compatibilizar a produção econômica de brita com segurança e bem-estar das comunidades próximas às pedreiras. Informações: fone (011) 268-2211, ramal 366, com Nilson Midea.

Engenharia Econômica — A Fundação Dom Cabral, de Belo Horizonte, vai promover, a partir de maio até novembro deste ano, um curso de especialização em Engenharia Econômica, destinado a engenheiros, arquitetos e geólogos, com o objetivo de prepará-los para o desempenho de suas atividades a nível empresarial. Esse curso, com 360 horas-aula, é estruturado para comportar atividades em classe e extraclasse. As aulas serão ministradas de segunda a quinta-feira, a partir das 19h30. Maiores informações poderão ser obtidas junto à Fundação Dom Cabral, à Rua Bernardo Guimarães, 3.071 — Santo Agostinho — Belo Horizonte — MG, fone (031) 335-6966.

Computação — A Sociedade Brasileira de Computação (SBC), através do Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vai promover o seu oitavo congresso, no período de 17 a 22 de julho, na cidade do Rio de Janeiro. Dentro do evento serão realizados o I Concurso de Teses e Dissertação, o VII Concurso de Trabalhos de Iniciação Científica e o XV Seminário Integrado de "software" e "hardware" (SEMISCH 88). Para qualquer informação relativa ao Congresso, o interessado deve-se dirigir ao seguinte endereço: Núcleo de Computação Eletrônica — a/c Terezinha de Jesus Loureiro — Universidade Federal do Rio de Janeiro — Caixa Postal 2.324 — 20001, Rio de Janeiro, ou ainda pelo fone (021) 290-3212, ramal 217 e telex (021) 37466 UFRJ.

Com o novo prédio, muitos dos serviços da BC serão informatizados.

Aumenta procura às bibliotecas

Não se faz pesquisa sem consulta à literatura da área. O aperfeiçoamento do conhecimento só se dá através de muita leitura. Para que isso seja possível, é necessário, porém, dispor de uma biblioteca capaz de abrigar suficiente variedade de títulos e periódicos. E esta tem sido a filosofia da Biblioteca Central da Unicamp, cujo acervo vem sendo permanentemente atualizado. O resultado desse trabalho coordenado pela diretora da BC, profa. Leila Mercadante, foi o aumento considerável de usuários nos dois últimos anos.

Ao fazer uma análise comparativa do biênio 1986/87, a diretora da BC mostra, através dos números, que aumentou a freqüência às bibliotecas e o uso de seu acervo tornou-se mais intenso. O empréstimo de publicações, que no ano de 1986 foi de 209.700, saltou para 253.404 no ano seguinte, registrando-se, portanto, um aumento de 20.84%. Situação semelhante ocorreu com a consulta aos livros e periódicos, que em 1986 era de 217.425 e, no ano seguinte, subiu a 266.288. Ou seja, houve um incremento de 22.75%.

Ampliação dos serviços

Com a mudança para o novo prédio da Biblioteca Central, previsto para o fim deste ano, acredita-se que o movimento deverá aumentar ainda mais. Isto porque os serviços oferecidos pela BC, que já vem sofrendo alterações substanciais para melhorar o atendimento público, serão agilizados e sofisticados.

Além dos serviços já oferecidos, planeja-se abrir para o público em geral o acesso a bancos de dados estrangeiros, que já vêm funcionando em caráter experimental. Este acesso é instrumento de trabalho valioso para o desenvolvimento de pesquisas que dependem de bibliografia nem sempre acessível no mercado editorial nacional. O número de assentos de leitura será ampliado em dez vezes. Estão também previstas a criação de cabines individuais de leitura e a ampliação do horário de atendimento da Biblioteca até as 22 horas (atualmente ela funciona das 8h30 às 18h30).

Os índices

O acervo de títulos (livros) da Biblioteca Central da Unicamp cresceu de 176.816, em 1986, para 196.064 em 1987 (10.89%). O aumento do índice de leitura na BC também evoluiu significativamente no biênio 1986/87. Isso porque, de acordo com Leila, não houve um crescimento vegetativo do público universitário, mas sim uma procura maior da literatura.

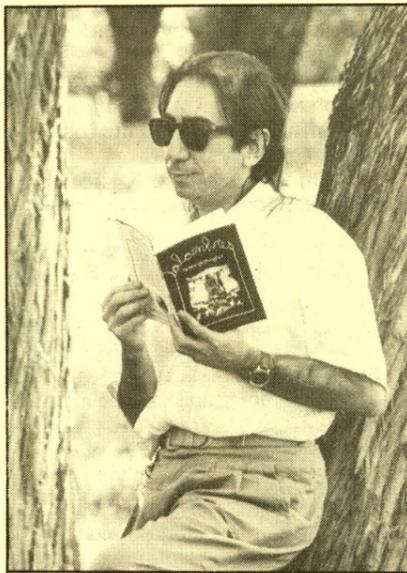
A média no movimento diário cresceu 27.96%. Em 1986 o movimento foi de 1.877 atendimentos passando para 2.402 em 1987. O crescimento do número de usuários inscritos também foi grande. Passou de 10.238 para 12.054 (17.74%).

A coleção de periódicos da Unicamp é reconhecidamente das melhores do País. A consulta a esses periódicos pela comunidade externa foi ampliada em 52.19%. Embora o crescimento do acervo da BC tenha sido de 10.89%, "o crescimento real de verba para aquisição desse material foi de 83.62%". Essa diferença deve ser atribuída ao alto custo das publicações. A verba orçamentária para a aquisição de livros, que em 1986 foi de US$ 151.734,00, passou para US$ 278.621,00 em 1987, um aumento, portanto, de 83.62%.

Já para a assinatura de periódicos, a destinação orçamentária foi ainda mais significativa. Passou de US$ 855.032,00 em 1986 para US$ 2.113.969,00 em 1987, ou seja, uma diferença de 147.24%. Esse aumento real na área de periódicos é fruto da aquisição antecipada de 60% das coleções (compra em 1987 dos títulos de 1988). Esse procedimento assegura, segundo Leila, "uma melhoria considerável no recebimento dos fascículos importados".

Movimentos de consultas às bibliotecas da Unicamp (Comparativo 1986/87)

DISCRIMINAÇÃO	ANO		CRESCIMENTO
	1986	1987	
Solicitação de usuários	3.376	3.579	6,01%
Atendimento	6.219	9.465	52,19%
Empréstimo	209.700	253.404	20,84%
Consulta	217.425	266.888	22,75%
N.º de usuários inscritos	10.238	12.054	17,74%
Média do movimento diário	1.877,18	2.402	27,96%
Livros	176.816	196.064	10,89%

Perlongher surpreende como poeta

Perlongher: poeta do ano na Argentina.

Algo tem de nupcial aquele cheiro
ou esse cacho de bolas calcinadas
por uma luz que se drapeia
entre as lombas das pometes
o cairel lactescente das olheiras
rudo ao odor do banheiro, ao paraíso
do cheiro, que lambuza
as telas onde as fitas
indiferentes tremeluzem
guerras marinhas ou nupciais.

De: "O Palacio do Cinema"

Um excerto do livro "Alambres", com tradução de Oscar Cesaroto

Poucos meses depois de ter surpreendido a crítica e os meios acadêmicos com "O Negócio do Michê", um alentado ensaio sobre a prostituição viril na cidade de São Paulo, o antropólogo Néstor Perlongher, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, surpreende agora como poeta. E poeta premiado: ele acaba de levantar na Argentina o importante "Prêmio Boris Vian" com seu livro "Alambres" ("Arames"), que foi considerado a melhor obra literária de 1987, naquele país.

Perlongher, 38 anos, argentino de Avellaneda, subúrbio industrial de Buenos Aires, e na Unicamp desde 1982, é o segundo escritor argentino a receber esse prêmio, o de maior conceito naquele país. O primeiro foi o poeta Juan Gelman, um ex-dirigente do Movimento Montonero, quebrando uma tradição de seis anos, durante os quais o "Boris Vian" fora concedido exclusivamente a romancistas.

Segundo Perlongher, o "Prêmio Boris Vian" — romancista francês bastante conhecido na Argentina e autor de "Arranca Corações", ainda não publicado no Brasil, se reveste de uma característica muito importante porque, instituído em 1980, tinha de início um objetivo bastante específico: contrapor-se aos prêmios normalmente concedidos por entidades e órgãos oficiais dos governos militares. "De modo que tantos intelectuais como escritores (romancistas, poetas e ensaístas) pudessem criar sem temer o fantasma da censura, do autoritarismo militar e, sobretudo, sem se curvar às promoções financiadas pelo Estado que, de uma forma ou de outra, inibe o processo criativo e tolhe a liberdade de o artista se expressar", diz Néstor.

A escolha dos candidatos ao "Boris Vian" é feita por um grupo de escritores e críticos literários, a partir da análise da produção literária lançada no mercado durante o ano. O corpo de jurados, este ano, foi composto por nomes bastante conhecidos naquele país, como Hector Libertella (crítico e escritor), Juan Jacobo Berjalía (romancista), Liliana Herr (romancista), Nicolás Rosa (crítico), Tomás Eloy Martínez (escritor e jornalista) e Juan Carlos Martini Real (romancista).

Doses de Sensualidade

Néstor veio para a Unicamp para fazer pós-graduação em Antropologia Social. Seu tema de dissertação resultou em "O Negócio do Michê" (Brasiliense/1987), já na segunda edição. "Alambres" reúne sua produção poética que vai de 1982 a 1985, e no livro o antropólogo reúne 22 poemas, que, segundo diz, seguem duas linhas distintas de trabalhos que ele classifica de "história" e "desejo".

Com relação à primeira, Néstor "reconta", de forma diferente, em tom "poético", episódios da história da Argentina, "com fortes doses de sensualismo", enquanto na segunda ele explora situações eróticas, sexuais e o lado sentimental das pessoas — aspectos bastante acentuados em muitos poemas com nomes de mulher. Por fim, há o poema "Cadáveres" — encerrando o livro — que não constitui, na verdade, uma terceira linha poética, mas que tanto pode ser uma das duas linhas ou simplesmente a fusão de ambas, onde, segundo o autor, o poema, o mais longo do livro, fala basicamente do drama dos desaparecidos durante o período militar na Argentina.

O professor-antropólogo não tem idéia do número de escritores com os quais "concorreu" para conquistar o "Boris Vian". Mas diz que na Argentina qualquer concurso literário (até mesmo os patrocinados por órgãos e entidades governamentais) atrai o interesse de multidões, no mínimo em torno de 20 mil a 30 mil participantes. Apesar disso, ao contrário do que acontece no Brasil, cujo número de autores inscritos em concursos dificilmente ultrapassa a casa dos mil, o curioso é que as tiragens de livros naquele país raramente chegam a mil ou dois mil exemplares. Na Argentina, um livro é considerado "best-seller" quando chega à casa dos seis mil exemplares. "Não sei se podemos comparar os dois países — alerta o professor — porque a Argentina é um país de 30 milhões de habitantes, ao passo que o Brasil já ultrapassa os 130 milhões."

A escolha de "Alambres", na opinião de Perlongher, deu-se por duas razões: a ausência do autor em seu país de origem e a demora para ser publicado lá, "o que suscitou certa expectativa, tanto de intelectuais (o grupo de jurados, por exemplo) como por parte do público. Uma demora que me possibilitou trabalhar melhor cada um dos textos, lapidá-los de tal forma até chegar à essência do produto final".

Antes de "O Negócio do Michê" ele já havia editado, na Argentina, em 1980, "Áustria-Hungria" (Ediciones Tierra Baldía), além da publicação esparsa de poemas, traduções e críticas literárias em revistas internacionais. Inédito, tem "Parque Lezama", a ser publicado pela Editora Sudamericana e, segundo sua previsão, deverá ser lançado também no Brasil, provavelmente no ano que vem.

ENCONTROS

Laser — A Pró-Reitoria de Pesquisas da Unicamp promoverá de 4 a 8 de abril o III Simpósio Estadual de Laser e Aplicações. O evento será realizado no salão III do Centro de Convenções da Universidade. Outras informações pelo telefone 39-1301, ramal 2.354.

Estrabismo — O Departamento de Oftalmo-Otorrino da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp realizará, dia 9 de abril, no salão I do Centro de Convenções da Universidade, a Jornada do Centro Brasileiro de Estrabismo. Outras informações pelo telefone 39-1301, ramal 3.360.

Nutrição animal — Nos dias 12, 13, 14 e 15 de abril, nos salões I e II do Centro de Convenções da Unicamp, será realizado o II Simpósio do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal. A promoção é da Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade. Mais informações pelos telefones 41-0155 ou 52-5426.

Teoria Literária — De 19 a 22 de abril, no salão II do Centro de Convenções da Unicamp, sera realizado o I Seminário da Pós-Graduação em Teoria Literária, com o tema "Modernidade?" A promoção é do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Mais informações pelos telefones 51-0542 e 39-1301, ramal 3.242.

Pós-Graduação — A Associação de Pós-Graduandos da Unicamp realizará de 21 a 24 de abril, no salão I do Centro de Convenções da Universidade, o I Seminário Nacional sobre a Reestruturação da Pós-Graduação. Informações: telefones 39-2417 ou 39-1301, ramal 3.160.

Aparelho Digestivo — De 26 a 29 de abril acontecerá, nos salões I, II e III do Centro de Convenções da Unicamp, o encontro sobre a Atualização em Cirurgia do Aparelho Digestivo, promovido pelo Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade. Outras informações pelos telefones 39-1577 e 32-3533.

Estudos Pessoanos — O Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp promoverá, dia 30 de abril, no salão I e III do Centro de Convenções, o IV Congresso Internacional de Estudos Pessoanos. Mais informações pelo telefone 39-1301, ramal 3.252.

Energia no meio rural — Durante três dias (16, 17 e 18 de maio), pesquisadores e profissionais ligados à área de energia estarão participando do II Encontro Nacional de Energia no Meio Rural, a ser realizado no Centro de Convenções da Unicamp. A promoção é do Nuclener (Núcleo de Energia da Unicamp), em conjunto com a Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), Companhia Paulista de Força e Luz, Feagri (Faculdade de Engenharia Agrícola/Unicamp), Fec (Faculdade de Engenharia de Campinas/Unicamp) e Fea (Faculdade de Engenharia de Alimentos/Unicamp). O encontro, tendo como tema central a "Sociedade, Tecnologia e Energia no Meio Ambiente", tem o objetivo de reunir representantes da comunidade tecnocientífica e dos setores empresarial e governamental, com a finalidade de desenvolver uma ampla discussão da realidade energética do meio rural brasileiro, com especial ênfase ao desenvolvimento e à apropriação de tecnologia, assim como às especificidades sociais e econômicas do setor agroenergético. Pretende-se ainda promover discussões visando à implantação da Sociedade Brasileira de Energia no Meio Ambiente. As atividades desse encontro serão divididas em conferências, mesas-redondas, sessões plenárias e exposições — mostra de equipamentos energéticos e painéis de pesquisas. Deverão ser debatidos 26 subtemas. Interessados poderão obter mais informações através dos fones 39-3130 e 39-1301, ramal 2.665.

vida universitária

CURSOS

Urologia — O Departamento de Urologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp realizará, de 4 a 7 de abril, no salão I do Centro de Convenções da Unicamp, o 6.º Curso de Iniciação em Urologia. Informações pelo telefone 39-1301, ramal 2.481.

Ciência Futura — O Centro de Estudos da Consciência e a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário promoverão, de 4 a 8 de abril, no salão I do Centro de Convenções da Universidade, o curso "Ciência futura: sinergismo e interdisciplinaridade". Mais informações pelo telefone 39-1301, ramal 3.261.

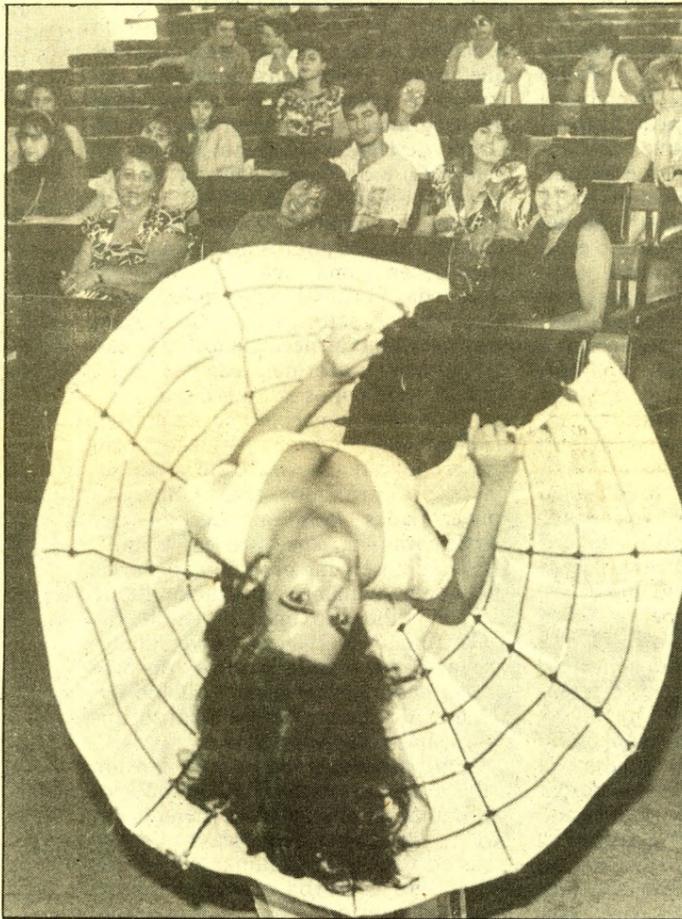
Difusão de tecnologia — O Centro de Tecnologia da Unicamp, dando seqüência às suas atividades de prestação de serviço à comunidade, está oferecendo os cursos do Programa de Difusão da Tecnologia. "Comando numérico aplicado às máquinas-ferramenta" é o primeiro curso deste semestre, e será realizado no período de 5/4 a 31/5, num total de 51 horas. As aulas serão dadas no anfiteatro da FEE. Trata-se de uma ação conjunta entre o Centro de Tecnologia e as Faculdades e Institutos da Unicamp, cujo objetivo é implantar a Interdisciplinaridade no aperfeiçoamento profissional.

Céu, Terra e Homem — Em promoção conjunta do Instituto de Física e do Observatório a Olho Nu será realizado nos dias 7, 14, 21 e 28 o curso de extensão universitária "Céu, Terra e Homem — Laboratório da Natureza". As aulas acontecerão nas instalações do Observatório ou nas salas do Instituto. Informações: telefone 39-1301, ramal 3.150.

Vegetais — "Iniciação à Pesquisa em Ciências Vegetais" é o curso que será promovido, dia 13, no auditório do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (IMECC), pelo Departamento de Fisiologia Vegetal do Instituto de Biologia. Informações pelo telefone 39-1301, ramais 2.320/2.802.

Enfermagem — O Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp promoverá nos dias 18 e 19 de abril o curso "Técnicas de Administração em Enfermagem Relacionadas a Recursos Humanos". O evento acontecerá no salão II do Centro de Convenções do campus. Mais informações pelo telefone 39-3273.

Pediatria — De 26 a 28 de abril será realizado o Curso Básico de Oftalmo/Pediatria promovido pelo Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. As aulas serão ministradas no auditório do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM). Informações: telefone 39-1301, ramais 3.360 e 2.936.

O passeio da câmera

De repente, no meio da palestra (o assunto era teatro), a expositora resolve demonstrar ao vivo o que as palavras não podiam materializar.

Catarata, campanha alcança 21 mil lares

Estima-se que 17 milhões de pessoas com a faixa etária acima de 50 anos perderam a visão por catarata. Este índice atinge maiores proporções em países do Terceiro Mundo, tais como Paquistão, China e África. Os dados são da Helen Keller International Incorporated, instituição americana que vem desenvolvendo uma campanha mundial de combate à cegueira. Apesar do dano quase irreversível que provoca à visão, a catarata é uma doença curável através de cirurgia.

No Brasil não existem ainda estatísticas que indiquem o número de pessoas atingidas pela doença. Sabe-se, no entanto, que não são poucas. O Departamento de Oftalmologia da Universidade Estadual de Campinas deu o passo inicial para que campanhas similares sejam aqui desenvolvidas. Para isso, firmou convênio com a Helen Keller e desenvolveu em conjunto um programa-piloto na cidade de Campinas, operando com sucesso absoluto 87 pessoas com mais de 50 anos.

O programa de combate à cegueira por catarata desenvolvido em Campinas, sob a coordenação do Chefe do Departamento de Oftalmologia da Unicamp, prof. Newton Kara José, superou as expectativas. De março a agosto do ano passado, a equipe do Departamento de Oftalmologia da Universidade percorreu 21.536 residências de diferentes bairros da cidade para uma triagem inicial visando as pessoas com mais de 50 anos.

Foram encontradas 9.732 pessoas nestas condições, sendo que 7.400 concordaram em participar do programa. Todas tiveram a acuidade visual medida em suas casas. Dessas, 700 foram examinadas mais detidamente por avaliação médica, encontrando-se neste grupo 140 casos de cataratas com indicações de cirurgia.

Apesar dos 140 casos indicados para cirurgia, apenas 87 pessoas concordaram em ser submetidas ao ato cirúrgico da extração do cristalino opacificado (a catarata). Os responsáveis pelo programa atribuem à idade avançada o desinteresse das pessoas que preferiram não se submeter à intervenção.

Das 87 pessoas operadas, 80% apresentaram uma melhora acentuada; adquirindo níveis de 0.5 (50%) de visão, o que lhes permite levar uma vida normal (lendo, andando sozinhas etc.). Os casos de insucesso, de acordo com os organizadores do programa, devem ser atribuídos a problemas de saúde associados à idade das pessoas (com idade média de 75 anos). Normalmente, estas pessoas já apresentam problema de diabete, hipertensão e outros tipos de doenças comuns à idade como degeneração senil da mácula (região central da retina que possibilita a visão) e que às vezes constituem elementos complicadores para o sucesso da cirurgia extracapsular (que retira a catarata).

TESES

Foram defendidas nas últimas semanas as seguintes teses:

Tese de Mestrado em Lingüística (IEL). Candidata: Soeli Maria Schreiber da Silva. Orientador: Eduardo R. J. Guimarães. Título da Tese: "Enunciação e Polifonia, aliás (um Estudo Argumentativo em Língua Portuguesa)". 18/2.

Tese de Mestrado em Cirurgia Geral (FCM). Candidato: Ubirajara Ferreira. Orientador: Nelson Rodrigues Netto Jr. Título da Tese: Valor do Toque Retal na Detecção do Carcinoma de Próstata". 19/2.

Tese de Mestrado em Química Orgânica (IQ). Candidato: Cláudio Pimentel. Orientadora: Luzia Koibe. Título da Tese: "Estudo Químico da Unidade de Tratamento de Gás Combustível (GC) e Tentativas de Síntese da Pirazinamida". 19/2.

Tese de Mestrado em Eletrônica e Comunicações (FEE). Candidata: Magda Patrícia Caldeira Arantes. Orientador: Shusaburo Motoyama. Título da Tese: "Analisador Automático de Rede de Petri para Validação de Protocolos de Comunicação". 19/2.

Tese de Mestrado em Biologia Vegetal (IB). Candidata: Márcia Regina Siqueira. Orientadora: Marlies Sazima. Título da Tese: Biologia Floral de Três Espécies de Aristolochia (Aristolochiaceа)". 22/2.

Tese de Mestrado em Fisico-Quimica (IQ). Candidato: Izaque Alves Maia. Orientadora: Inês Joekes. Título da Tese: "Crescimento Epitaxial de Ga As pela Técnica MOVPE". 23/2.

Tese de Doutorado em Estados Sólidos (IFGW). Candidato: Valder Nogueira Freire. Orientador: Roberto Luzzi. Título da Tese: "Transientes Ultra-Rápidos de Transporte em Plasmas Semicondutores Submetidos a Campos Elétricos Intensos". 24/2.

Tese de Mestrado em Química Analitica (IQ). Candidata: Priscila de Almeida Leoni. Orientador: Carol Hollingworth Collins. Título da Tese: "Análises por Cromatograsia Líquida de Alta Eficiência de Compostos Peralogenados do Tipo Cx Bry Clz Cx = 1 ou 2; ytz = 4 ou 6". 29/2.

Tese de Mestrado em Eletrônica e Comunicação (FEE). Candidata: Keiko Verônica Ono Fonseca. Orientador: Reginaldo Palazo Júnior. Título da Tese: "Uma Contribuição à Modulação para Códigos de Treliça Periodicamente Variantes no Tempo". 07/3.

Tese de Mestrado em Biologia Vegetal (IB). Candidata: Iria Benedita Boldassari. Orientadora: Luiza Sumiko Kinoshita Gouvea. Título da Tese: "Flora de Poços de Caldas Família Melastomataceae". 09/3.

Tese de Mestrado em Química Inorgânica (IQ). Candidata: Fátima Squizani Livotto. Orientador: Edson Stein. Título da Tese: "Reações de Substituições de Benzilidenoacetona por Diliminas no Complexo Fe (Bda) (CO3) ". 10/3.

Tese de Doutorado em Ecologia (IB). Candidato: Ary Teixeira de Oliveira. Orientador: Fernando Roberto Martins. Título da Tese: "A Vegetação de um Campo de Monchões — Microrrelevos Associados a Cupins — na Região de Cuiabá (MT)". 15/3.

Tese de Mestrado em Eletrônica e Comunicação (FEE). Candidato: José Roberto Bollis Gimenez. Orientador: Reginaldo Palazzo Jr. Título da Tese: "Estudos em Processos Adaptativos Aplicados ao Problema de Eliminação da IIS/Cancelamento de Eco". 15/3.

Tese de Mestrado em Fisico-Química (IQ). Candidato: Júlio Roberto Bartolli. Orientador: Fernando Galembeck. Título da Tese: "Flutuações de Composições em um Elastômetro Processado por Extrusão". 18/3.

Tese de Doutorado em Cirurgia (FCM). Candidato: Paulo César Rodrigues Palma. Orientador: Nelson Rodrigues Netto Jr. Título da Tese: "Prótese Testicular de Colágeno na Orquiectomia Subcapsular: Estudo Clínico Experimental". 18/3.

Tese de Mestrado em Fisico-Química (IQ). Candidata: Soraya Jericó de Carvalho. Orientadora: Inês Joekes. Título da Tese: "Caracterização de Filmes de Polietileno de Baixo Grau de Polimerização". 18/3.

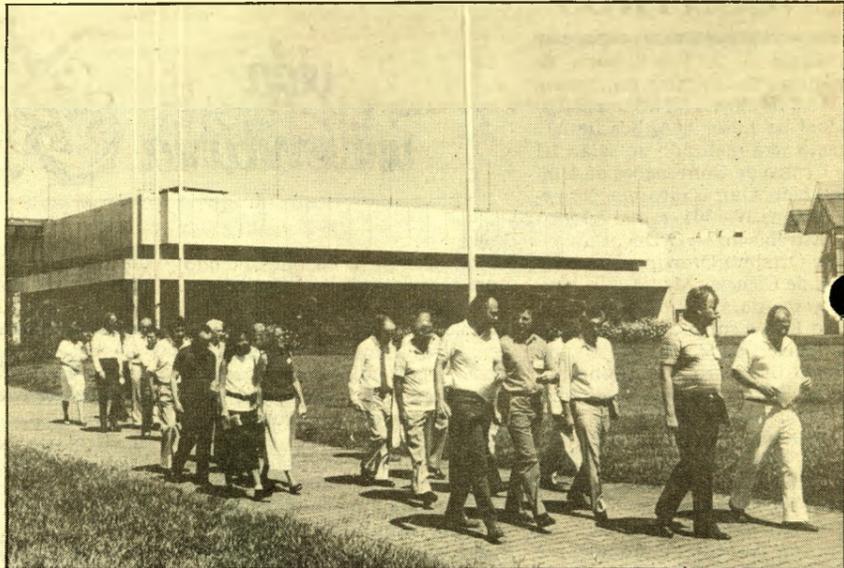
Tese de Doutorado em Automação (FEE). Candidato: Luiz Vendite. Orientador: Rodney C. Bassanezi. Título da Tese: "Modelagem Matemática para o Crescimento Tumoral e o Problema de Resistência Celular dos Fármacos Antiblásticos". 21/3.

Tese de Mestrado em Engenharia Mecânica (FEC). Candidato: Ilmar Ferreira Santos. Orientador: Hans Ingo Weber. Título da Tese: "Modelos Matemáticos Reduzidos para Sistemas Mecânicos Contínuos". 21/3.

Tese de Mestrado em Biologia Celular (IB). Candidato: Maurício José Vaz do Amaral. Orientadora: Maria Luiza Silveira Melo. Título da Tese: "Concentração Eletrolítica Crítica da Cromatina em Animais Submetidos a Jejum". 22/3.

Tese de Mestrado em Genética (IB). Candidata: Rosa Maria Lizana Ballve. Orientador: Herculano Penna Medina Filho. Título da Tese: "Isoenzimas como Mercadores Genéticos em Palmiteiro (euterpe SPT)". 23/3.

Tese de Doutorado em Engenharia Mecânica (FEC). Candidato: Rubens Caran Jr. Orientador: Amauri Garcia. Título da Tese: "Modelagem Matemática, Simulação e Otimização do Processo de Solidificação". 24/3.

Sessão de abertura do Encontro, em Campinas.

Os reitores em visita ao Centro Pluridisciplinar de Pesquisas

Unicamp reúne reitores da Europa e das Américas

A tradição das universidades européias e a juventude de suas coirmãs latino-americanas marcaram um encontro em Campinas, de 28 a 30 de março último, a convite da Unicamp. Reuniram-se na ocasião, no auditório do Instituto de Economia, cerca de 60 especialistas em ensino superior, entre reitores, assessores e administradores universitários de ambos os lados do mundo, neste que foi o II Encontro Internacional de Reitores de Universidades da Europa e da América Latina. O encontro contou com representantes de Portugal, Suiça, Espanha, Inglaterra, República Federal da Alemanha, Holanda, França, Canadá, Argentina, Bolívia, Costa Rica, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

O encontro faz parte do Programa Interuniversitário de Desenvolvimento Institucional, que vem sendo desenvolvido pela Conferência Permanente de Reitores de Universidades Européias e Latino-Americanas (CRE). Planejamento das universidades, avaliação acadêmica, financiamento, relações externas, relações industriais, avaliação institucional, seleção de estudantes e intercâmbio acadêmico foram os principais temas abordados durante a reunião.

Aperfeiçoar o ensino superior

O Programa Interuniversitário de Desenvolvimento Institucional surgiu no início dos anos 80, quando os reitores de diferentes universidades sentiram a necessidade de estreitar os laços institucionais pará uma troca de experiências com o objetivo de aprimorar o sistema universitário.

A colaboração das universidades européias, já solidamente estruturadas, com as latino-americanas, ainda em busca de seu caminho, começou justamente pelo reconhecimento das especificidades de cada uma das partes. A perspectiva é de que a convergência de erros e acertos poderá, num trabalho comum, resultar no avanço institucional, acadêmico e administrativo, com a redução das crises circunstanciais e dos problemas conjunturais que periodicamente enfrentam, mais particularmente as latino-americanas.

A escolha da Unicamp para sediar o encontro deste ano ocorreu durante a reunião anterior, na cidade de Belgrano, na Argentina, quando o reitor Paulo Renato Costa Souza ofereceu o campus da Universidade para a realização do evento. No encontro de Campinas surgiram propostas efetivas que se traduzirão em ações a serem implementadas ao longo dos anos em cada uma das universidades.

O reitor da Unicamp, anfitrião do encontro, pretende que as universidades estaduais paulistas se transformem em interlocutoras das conferências européias e latino-americanas, na disseminação das propostas para o conjunto das universidades brasileiras, que igualmente passam por uma nova crise estrutural. Essa crise, de natureza acadêmica, que envolve principalmente questões como a avaliação docente e a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, e de natureza administrativa, que implica na reordenação completa da gerência universitária, começa agora a ser pensada a médio prazo.

Para viabilizar esse trabalho, os reitores das três universidades estaduais, Unicamp, USP e Unesp, criaram, no final do ano passado, através do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais do Estado de São Paulo (Cruesp), o Centro Interuniversitário de Estudos em Administração Universitária. Os principais objetivos do Centro são: desenvolver estudos e pesquisas visando fornecer elementos para aperfeiçoamento da administração geral das universidades; promover o estudo de mecanismos de avaliação qualitativa e quantitativa das atividades universitárias nas áreas de docência, pesquisa, extensão, prestação de serviços à comunidade e administração nos seus diversos aspectos; desenvolver o estudo das práticas de normas jurídicas e administrativas que viabilizem a consecução dos objetivos sociais das universidades; oferecer programas de educação e treinamento para executivos e dirigentes de instituições de ensino superior e prestar assessoria técnica nas áreas de sua competência, às entidades do sistema nacional de ensino superior.

Gestão universitária

Embora a universidade concentre lideranças representativas nos diferentes campos do conhecimento humano e responda pelos principais avanços no campo da ciência e da tecnologia, a gestão universitária não tem se desenvolvido no mesmo ritmo. O resultado desse descompasso é o emperramento da máquina burocrática do sistema do ensino superior, que em lugar de funcionar como uma alavanca para fazer fluir o ensino e a pesquisa, termina muitas vezes por retardá-lo.

O desenvolvimento da pesquisa institucional nas universidades visa justamente romper essa inércia. A modernização da gestão universitária se fará a partir das propostas do II Encontro Internacional de Reitores. Para isso serão realizados seminários, cursos e reuniões de trabalho na área da gestão universitária para análise das propostas e seu aproveitamento nas diferentes instituições.

O papel da universidade na sociedade em que está inserida, sua missão, a estrutura de governo e processos de decisão, a administração dos recursos e a liderança dos reitores no contexto da organização são outras das questões que foram debatidas durante o encontro de Campinas. A continuidade do programa, sob a coordenação do Grupo de Desenvolvimento Institucional (IDG) e do Grupo Diretor de Administração do Projeto (PMB), se dará através de algumas linhas de ação. Identificados os pontos nevrálgicos das instituições, uma ação coordenada, fruto das experiências mais bem-sucedidas no setor, será colocada em prática. Como as necessidades não são únicas nem uniformes, cada situação será abordada após estudos de caso.

O projeto, concebido como um "exercício em contínua evolução" tem um cronograma de trabalho a ser seguido nos próximos cinco anos. As universidades latino-americanas que participaram do encontro em Campinas deverão enviar propostas próprias de desenvolvimento institucional até 1.º de junho próximo. De junho de 1988 a maio de 1989 as universidades aceitas como membros ativos do programa desenvolverão um trabalho detalhado de diagnóstico e análise dos problemas detectados.

Em junho de 1989 haverá, em um país europeu ainda não escolhido, nova reunião de trabalho coordenada pelos membros latino-americanos e europeus do IDG. Nesta reunião cada instituição será analisada e serão propostas alterações, se for o caso, na sua gestão interna. De julho de 1989 a dezembro de 1992 as universidades latino-americanas participarão do programa recorrendo à assistência dos membros do IDG e aos especialistas das universidades européias; farão conjuntamente um plano de ação para o desenvolvimento de suas instituições que inclua estratégias para superar os problemas detectados nas etapas anteriores do programa.

Tradição x dinamismo

A perspectiva de uma colaboração efetiva entre as universidades européias e as latino-americanas mobilizou os especialistas em administração universitária para o encontro dos reitores da Unicamp. Segundo o prof. Alberto Bercovitz, da Universidad Nacional de Educación a Distancia, da Espanha, "existe na Europa uma grande preocupação com os problemas da América Latina e o desejo de um intercâmbio entre as instituições para uma real troca de experiências".

Bercovitz acredita que as universidades européias, embora experientes no trato de questões acadêmicas e administrativas, têm muito a aprender com as universidades latino-americanas. "Na Europa, a tradição dificulta o movimento, enquanto nas instituições mais jovens é possível introduzir com mais facilidade inovações", observou. Ele citou o exemplo da Unicamp, que conseguiu reunir num mesmo espaço e com a mesma densidade "o saber artístico e inovador com o saber tradicional".

O prof. Daniel Samoilovich, assessor do CRE e representante das universidades européias, também acredita num intercâmbio "criativo" entre as universidades européias e latino-americanas. Disse também que o professor europeu é inteligente e sabe que uma aproximação efetiva com as universidades da América Latina possibilitará um trabalho profícuo. Samoilovich é favorável a uma "autonomia responsável das universidades", para que possam levar a cabo o trabalho de formação de uma nova geração de docentes e pesquisadores, assim como o desenvolvimento científico e tecnológico dos países nos quais estão inseridas.

As diferentes realidades em que se situam as universidades européias e as latino-americanas representam, na opinião do reitor da Universidade La Salle, do México, prof. César Rangel Barrera, um desafio estimulante. "O intercâmbio entre essas instituições é muito saudável. Os reitores da América Latina têm muito que aprender com os europeus e também o que ensinar. Não temos os recursos das universidades européias, mas estamos tentando encontrar nosso próprio caminho", afirmou Barrera.

Apesar das nuances que separam ambas as realidades, muitas de suas preocupações são comuns, como salientou o reitor da Universidade de Wüzburg, República Federal da Alemanha, prof. Teodor Berchem. "Que sistema de ingresso na universidade é o mais adequado a nossas realidades? Como conciliar demandas educativas quase incompatíveis? Como não ficar à margem do desenvolvimento científico e tecnológico? Que perfil desejamos para nossas instituições? Como podemos cooperar com os setores da sociedade que legitimamente procuram resultados imediatos, sem perder nossos próprios horizontes e nossas metas a longo prazo? Como, enfim, continuar oferecendo ambiente de reflexão e liberdade em que seja possível considerar com sentido crítico os problemas de nossa sociedade e a pluralidade das opções abertas para resolvê-los?" No Brasil, em particular, essas perguntas fazem parte do cotidiano dos reitores, alguns dos quais visivelmente preocupados em modificar o perfil da universidade no âmbito científico, tecnológico e administrativo.

Angel Barrera: "As diferenças são um desafio".

Berchem: "Que perfil desejamos?"